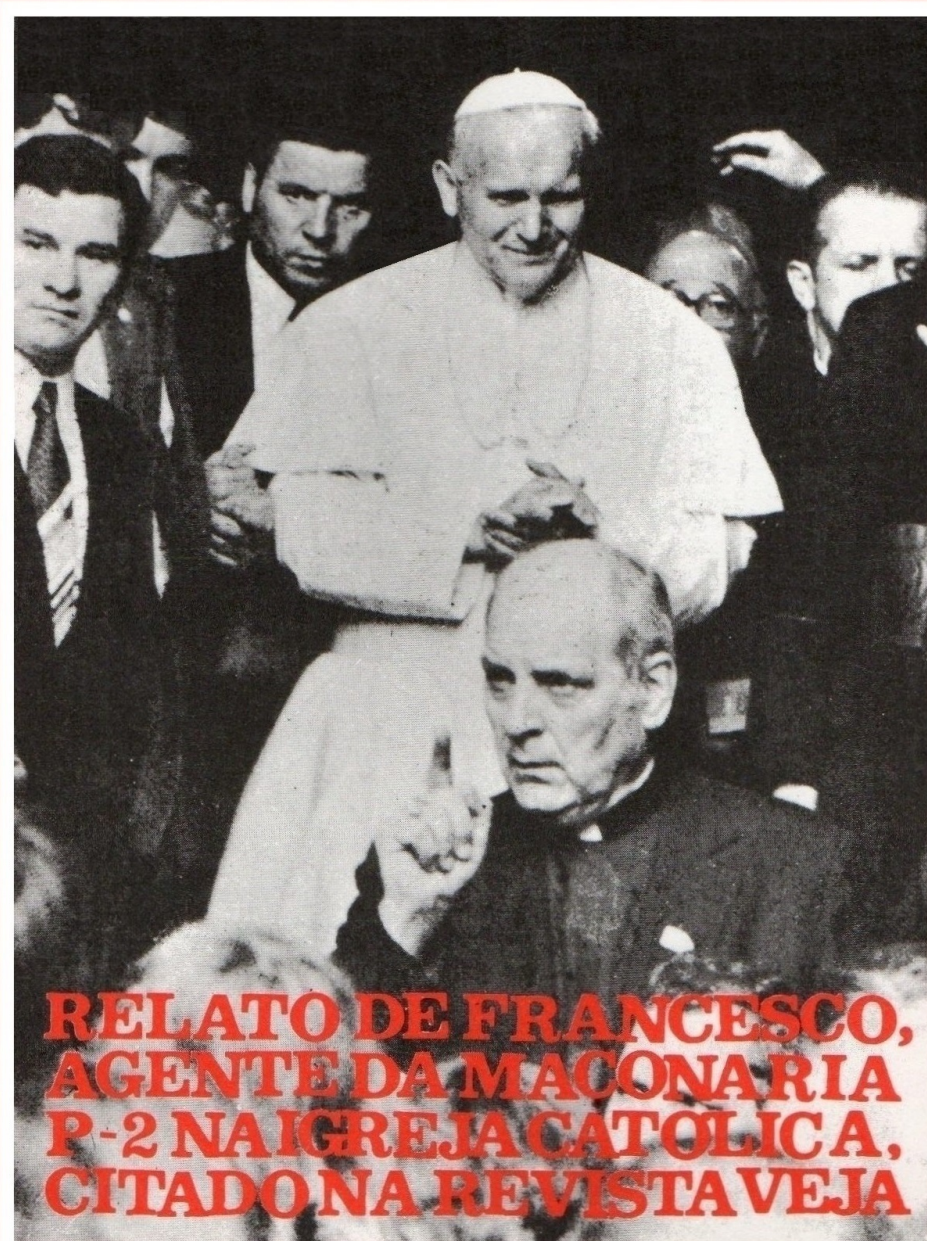


FUI ESPIÃO!

ORDENAÇÃO DE FALSOS PADRES NA IGREJA DO BRASIL



**RELATO DE FRANCESCO,
AGENTE DA MACONARIA
P-2 NA IGREJA CATOLICA,
CITADO NA REVISTA VEJA**

FRANCESCO SCALZOTTO

FRANCESCO SCALZOTTO

FUI ESPIÃO!

EXODUS

FRANCESCO SCALZOTTO

FUI ESPIÃO!

EDIÇÃO DO AUTOR
PEDIDOS PARA:
EXODUS
Caixa Postal 11641
05090 — Lapa — São Paulo (SP)

REVISÃO:

Olivia Kirsten

e

Ana Júlia Coelho Portilho

CAPA:

Arte: Chalemi Reno

AVISO

Harry Cohn, o grande chefe do estúdio cinematográfico COLÚMBIA, nos Estados Unidos, dizia sempre:

— Meço a qualidade de um filme pela minha bunda: se ela doer durante a projeção, o filme é ruim!

Escrevi tudo em poucas páginas para que você leitor possa fazer como Harry Cohn, meça pela dor. . .

"Non spero che sia un' opera letterata. Niente de velleità
é semplicemente un esfogo..."

Francesco

"Este livro é um relatório durante o período que estive na P2
sem nenhuma pretensão de ser uma obra literária. . ."

Francesco



O cartaz da Revista VEJA em novembro de 1986, mostrava a importância da matéria sobre a ordenação de falsos padres na Igreja Católica Apostólica Romana.

APRESENTAÇÃO

Este livro nasceu quando Francesco veio ao Brasil, no início de Novembro de 1986, dia 4 ou 5, e viu um enorme cartaz, mais de um metro de comprimento, afixado na lateral da banca de revista. O visual chamou a atenção: cores, cruz e palavras.

LEIA EM VEJA

UM ESPIÃO NA IGREJA

Levou um susto e achou que haviam detetado alguém da Maçonaria P-2. Até que enfim, depois de tantos anos, contanto que não fosse ele. Foi comprar o exemplar e o dono da banca simplesmente sacudiu a cabeça, dizendo:

— Acabou.

Francesco quase entrou em pânico de curiosidade, porque o destaque do cartaz da Revista VEJA era para mostrar a importância da matéria, não gastariam tanto nem queimariam a pestana por um assuntozinho qualquer. Afinal, era a Revista de maior circulação e prestígio em um país que não lê e consome quase um milhão de seus exemplares por semana.

O italiano pediu informação sobre outras bancas de revistas mas foi em vão; em todas, os exemplares tinham sido vendidos, o assunto chamara atenção de forma descomunal. Na última banca, Francesco resolveu brincar com o dono:

— Eu pago ágio, consiga uma revista pra mim.

O senhor idoso explicou que raramente acontecia isso, mas dessa vez todos os exemplares haviam se esgotado e ainda não era sábado, isto é, a revista ficara só três dias em exposição.

Francesco foi a duas cidades vizinhas e assim mesmo nada, porém a experiência de não se deixar dobrar na dificuldade fez com que se lembrasse de que a Revista VEJA tem milhares de assinantes. Através de um proprietário de banca localizou um deles e pediu que seu acompanhante de viagem pagasse para que o assinante emprestasse o exemplar de n.º 948. Tirou xerox da matéria e, ao devolver, soltou alguns dólares para que jamais tocasse no assunto, porque correria sério risco. O assinante arrependeu-se do empréstimo já que ficou sabendo do perigo na devolução e prometeu ficar de bico calado, apesar de não saber de que matéria só tirou o xerox, quem era a pessoa e por que tamanho mistério

O italiano entrou em comunicação depois de alguns dias e foi deixando claro:

— Neimar nunca foi espião, espião eles vão conhecer agora.

Quisemos ter mais contato, não conseguimos, ele puramente argumentou que a vida está boa para recomeçar ou para se expor e perder a paz. Queria somente dar uma resposta ou complementar aquilo que Neimar não sabia ou não teve oportunidade de dizer. Queria mostrar a versão, detalhes de alguém de dentro da setorial.

Dias Lopes e Eurípedes Alcântara, do setor editorial da Revista VEJA, queriam, de toda forma, nem que fosse uma foto de Francesco de costas, um contato mesmo rápido, fosse onde fosse. O italiano deixou bem claro:

— Enviarei algo escrito; se quiserem publicar tudo bem, senão coloquem em algum banheiro público para que limpem o rabo. Quanto à jornalista, seja de onde for, quero distância absoluta e sossego, ninguém me tirará do sofá, do vinho e da carne da Argentina, que dá de dez a zero na carne congelada de vocês.

Este livro nasceu assim!

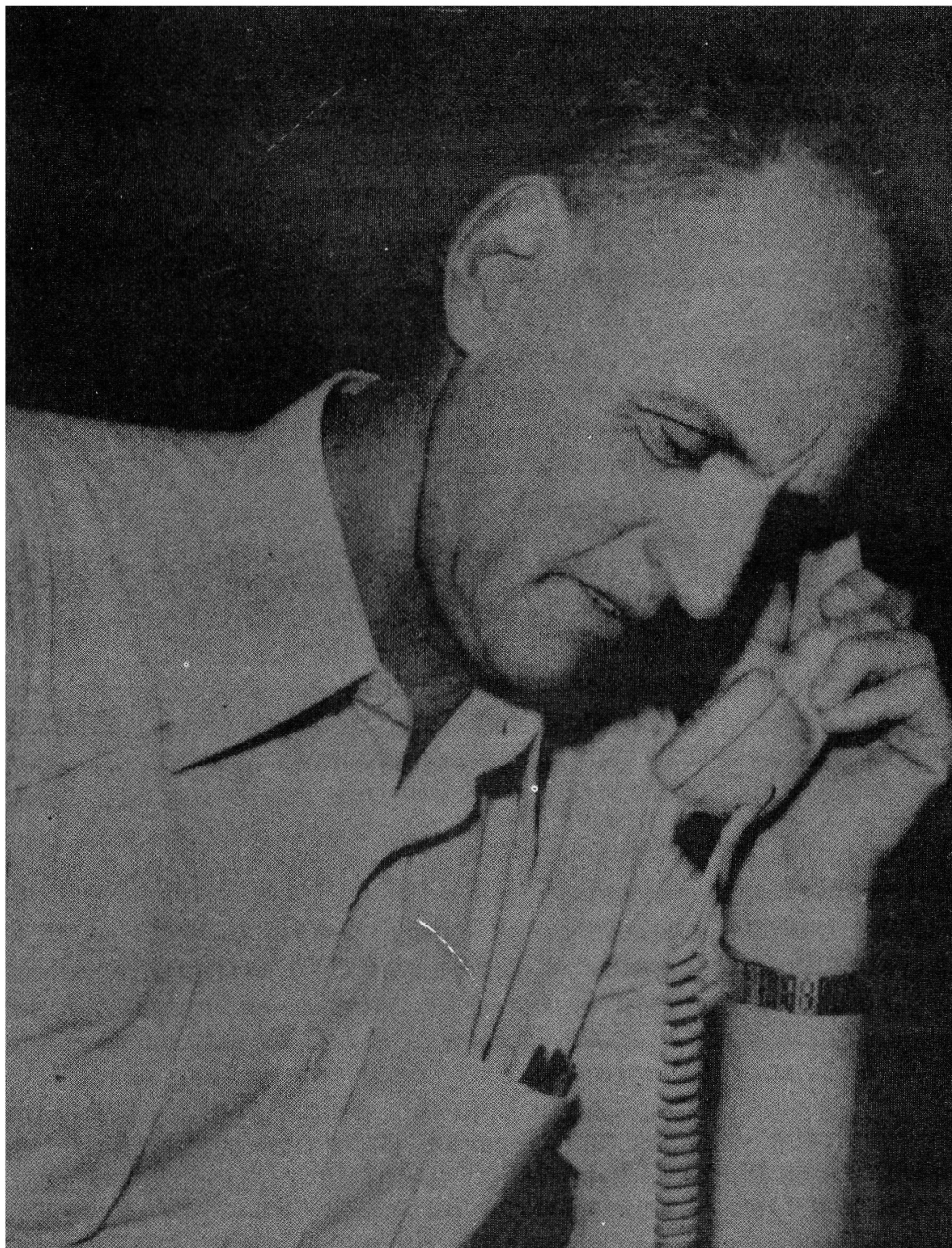
O EDITOR

Até o dia em que vim trabalhar com Dr. Cuoco, eu dava corda a minha curiosidade e sempre ia além dos serviços que era encarregado. Tenho certeza que se ainda estivesse na ativa e sem o coronel do lado, teria dado uma chegada a França no primeiro encontro mundial franco-maçons no primeiro semestre de 1987. "Só para dar uma olhadinha". É que lá também teriam membros da P-2 chafurdando um pouco entre os novecentos maçons de mais de trinta países.

No Hotel PLM Saint Jacques, na zona sul de Paris, eu poderia ouvir algumas baboseiras do Roger Leray, grão mestre do Grande Oriente da França, poderia pedir a palavra e falar sobre filantropia, mas... o melhor mesmo seria o turismo, o vinho, e ser clandestino...

F. S.

CAPÍTULO II



O padre missionário da Congregação de São Francisco Xavier, Luigi Depaoli, que serviu na China, foi um dos ídolos na adolescência de Francesco.

EXPLICAÇÃO

Qualquer leitor vai logo perguntar:

— O nome Francesco não era falso?

E eu respondo:

— Era. Você gostaria de que eu colocasse meu nome verdadeiro para toda corja sair à procura? Há uma raça que encontra gente até pelo perfume, por isso nem desodorante eu uso. Estou limpo, tranqüilo e no anonimato maior.

Um leitor mais curioso perguntaria:

— E esse sobrenome Scalzotto?

— Essa pergunta eu até gostaria de responder com satisfação, assim me dá ensejo de iniciar propriamente o livro, se é que alguém vai chamar isto de livro. Nasci em Trento, na Itália, em 1930. Meus ídolos, na saída da adolescência, foram dois: Chiara Lubic e um missionário xaveriano Luigi Depaoli.

Que católico não conhece ou não ouviu falar em Chiara??? Fundadora de um Movimento religioso para crianças, adolescentes, jovens, casais e até para padres que tentam formar uma paróquia diferente, com mais oração, mais obra social, que sinceramente sempre tem um caráter paternalista, alienado... mas Chiara revolucionou a época, tanto quanto Dom Juan Hervás através do Cursilho na Espanha. Um fator positivo é que Chiara é uma mulher e mulher em Igreja sempre teve que cumprir, não criar algo novo. Chiara criou o Movimento dos Focolares, quem a segue é chamado FOCOLARINO. Os casais formam uma perseverança chamada FAMÍLIAS NOVAS, os jovens são chamados GEN, gen 1, ou 2 de acordo com idades. É um movimento que cresceu muito e apoiado pelos Papas, porque DISTANCIAVA a Igreja de contendas políticas, já que os focolarinos não tocam no assunto. Após a morte de Paulo VI então cresceu mais ainda, assim como o Movimento RENOVAÇÃO CARISMÁTICA, outro movimento apolítico para que, entre os leigos, se fizesse FRENTE à Teologia de Libertação, que hoje tem esse nome, mas sempre a Igreja teve adeptos de esquerda. Chiara é de Trento e era orgulho para minha cidadezinha. Quanto ao missionário xaveriano LUIGI DEPAOLI que também foi quase um ídolo na minha vida falarei depois, ele serviu na China, era fantástico.

Minha família era católica tradicional: missa domingueira, terço diário, oração antes das refeições... e após também.

Mamãe brigava, porque queria que eu fosse padre, papai não queria; apesar de católico, não era simpático a esse negócio de celibato.

— Não me convence essa castração mental e física.

Meu pai queria que eu fosse médico. Interessante era que não me consultavam e na verdade eu não queria nem ser padre nem médico. Detestava ajoelhar-me diante das dezenas de imagens que punham à minha frente. Quanto a vestir-me de branco, tremia quando via sangue. Não dava mesmo.

Crescendo, fui encontrando um caminho, um talento que no fundo achava estar escondido. Era apaixonado por rádio; apesar de não ter em casa, ouvia muito no vizinho. Minha mãe detestava o aparelho porque alguma coisa de que ela não gostava poderia entrar de repente em casa, na família impecável:

— Não se sabe o que vão falar.

— Mãe, é só desligar quando vem coisa que não quer.

Meu pai discutia e no fim cedia, chegava a dizer que a esposa ainda considerava o rádio coisa do demônio.

— Mas o Papa também fala nele.

Nesse dia, meu pai me considerou muito inteligente, porque dei uma resposta à altura do preconceito.

Com briga entre eles ou não, só sei que fui enfiado em um seminário com o dever de dizer ao padre responsável que tinha vocação sacerdotal, que queria servir a Nosso Senhor Jesus Cristo e aceitava tudo que a Igreja Católica Apostólica Romana mandasse fazer.

Estava com treze anos de idade, quando me vi, pela primeira vez, num casarão enorme, com dezenas de quartos. Um sacerdote, que se disse chamar Padre Scalzotto, foi encarregado de me levar ao Seminário. Esse padre foi apresentado a minha mãe por um outro que era vigário da Igreja que a família freqüentava. Padre Scalzotto escreveu seu nome num papel, pôs um endereço e pediu que eu jamais saísse do seminário, que não abandonasse a vocação sem se aconselhar com ele. Em suma, queria que fosse seu afilhado. Como não tinha ido com a cara dele, como estava lá sem vontade, a primeira coisa que fiz foi jogar o papel fora e não esqueci mais esse nome: Scalzotto.

Nunca mais vi Scalzotto e só me recordo de uma aventura doida que fiz depois de estar na P-2 e de passagem por Roma. Consegui entrar na sala de um tal Monsenhor Scalzotto, que

trabalhava no setor denominado PROPAGANDA FIDE. Eu estava vestido de batina, do contrário não seria permitido entrada, dizendo ter uma correspondência pessoal, foi assim que me vi cara a cara com o Monsenhor, mas creio que não era o mesmo; talvez da mesma família, mas a fisionomia era bem diferente. Aventura besta, só por curiosidade, quis lembrar-me do filho da puta que me levou quase à força ao seminário, apesar de eu ter esgoelado a ele que sacerdócio era vocação da minha mãe e não minha. Monsenhor Scalzotto, PROPAGANDA FIDE, que fide que nada. Ah! ia-me esquecendo, entreguei o envelope e saí às pressas; dentro havia propaganda de lojas comerciais, que ele não deve ter entendido nada, a menos que alguém envie este livro a ele e agora se lembre do fato, se estiver vivo, pois isso nem eu sei.

Aí está o Francesco Scalzotto. Quem gostou, gostou, quem não gostou nada posso fazer. Como deveria haver algum nome na capa do livro e positivamente não seria imbecil de colocar o meu mesmo, escolhi assim: Francesco, porque a imprensa divulgou, e Scalzotto, porque na hora em que li a matéria fiquei com a mesma raiva de quando o padre me arrastava pelos corredores frios da quase extinta fábrica de sacerdotes.

CAPÍTULO III



O saudosismo é uma péssima herança na Argentina. A sempre cinderela Evita e o general Peron, apesar de mortos, ainda influenciam o povo e as peças teatrais ajudam sobremaneira os mitos.

ATRAVESSANDO A FRONTEIRA

No final de 1986, quando decidi fugir para a Argentina e levar uma vida totalmente diferente daquela que carreguei durante trinta anos, pensei em nunca mais lembrar as pegadas agitadas que deixei na Itália, na Argentina e finalmente no Brasil. Evita e Peron continuavam vivos na cabeça do povo e o teatro mundial ajudava a perpetuar tudo isso. Em 1978 assisti Joss Ackland fazendo Peron e Elaine Page fazendo Evita, em Londres, verdadeiramente ninguém se esquecia da canção "Don't cry for me, Argentina". Foi com essa canção que recepcionei minha esposa, pois cheguei antes dela na Argentina em 1986.

Muitos fugitivos de guerra e até mafiosos que decidem aposentar-se escolhem a América do Sul e suas republiquetas para montar seus negócios; por mais incrível que possa parecer, estabelecem-se em comércios honestos. Por quê? É simples, porque percebem que desta vida nada se leva. Quando a fase da aventura passa, quando se livram de perigos maiores, dos quais só ouviam falar mas não tinham enfrentado, preparam-se para uma aposentadoria e não querem nem ouvir falar em desonestidade ou risco. A maioria nem tenta lesar os impostos. Faz tudo direitinho para poder gozar os anos finais, como gente recatada que até gerente de Banco e a vizinhança cumprimenta com respeito e aponta para os outros como exemplo.

Atravessei a fronteira e aqui estou numa rotina que me agrada. Tenho meu negócio honesto, minha clientela que, com inflação ou não, me prestigia, porque não preciso de muito para viver, não exploro. Sou um comerciante quase que anormal. Um copo de vinho antes do almoço, outro antes da janta. Com a chegada do vídeo-cassete, excluí cinema da minha vida e o dono da Locadora habituou-se a enviar para minha casa as novidades. No fim de semana um jantar num restaurante qualquer, pode até ser no Pipo, contanto que haja fartura, às vezes um teatro, show já encheu, sempre a mesma coisa preparada para turista bobo. Uma vez passa, mais que isso é masoquismo. Gosto de ler, é quase uma fixação. Há mais de vinte anos não leio nada sobre medicina, só peguei o livro do Dr. Raymond A. Moody Jr. sobre a vida depois da vida, porque no fundo sempre há um questionamento do vindouro. Durante uma viagem aos Estados Unidos, havia conhecido a Dra. Elisabeth Kubler-Rose,

numa conferência em Illinois, essa mulher me impressionou e o livro foi dedicado a ela. Leio, gosto muito de ler. Deixo minha esposa no Caixa da firma, estico-me no sofá do escritório, lendo publicações novas ou antigas. Aqui na minha frente estou com "O LIVRO DOS SENHORES DO MUNDO", comprei num departamento desses que no Brasil vocês chamam de "sebo", local que vende obras usadas. Estou na página 369 e já me virou o estômago, porque não suporto as divagações de Nostradamus e as ginásticas que centenas de imbecis fazem para provar suas vidências não tão evidentes. Quando li "NOSTRADAMUS et les fusées siderales", eu ri mais que ria nos velhos filmes de Chaplin. Mas isso é outra história, não sou escritor, não tenho nada a ver com preocupações de "se vão gostar ou não", quero que se danem. Só sei que gosto de ler e depois de ver o cartaz da Revista VEJA na banca de jornal colocando o Neimar de Barros como espião, decidi escrever alguma coisa, sem estilo e sem compromisso literário, para mostrar o que é um espião. Vou acabar de escrever estas páginas e ler uma besteirinha do Carlo Cafiero; digo besteirinha, porque o livro é pequeno, condensação de "O CAPITAL", de Karl Marx. Então, quanto menos Carlos escrevia, melhor. Para não deixar mais gente doida, morreu ele mesmo maluco, "maluquinho da Silva" como dizem os brasileiros, após gastar uma fortuna na construção de uma mansão para recolher revolucionários.

Vou perder algum tempo escrevendo isto e depois retornarei ao meu sofá, ao meu vinho, ao meu vídeo, a minha mulher, e a P-2 que continue definitivamente sem mim. Vai continuar, porque o que não falta é Igreja omissa, autoridades de Governos subornadas, não falta clero com interesses excusos, empresários com vontade de subir, subir, subir. Infelizmente, nunca faltarão rapazes imaturos para serem iniciados, aventureiros ou decepcionados com a podridão do mundo e que resolvem jogar nesse lado da P-2, que quer dizer: PODER E DINHEIRO. Quem não gosta de poder e dinheiro? Eu ganhei muito dinheiro; chefieei, tive poder sem autonomia, fui espião, espião mesmo, de até vestir batina e chegar na comitiva do Núncio Apostólico, Dom Cármine Rocco. Poder real, de fazer o que bem entendia não tive; ao contrário, nos últimos dezesseis anos, sentia-me até oprimido pelo chefe do Setorial, mas o dinheiro entrava e fui aguardando o momento propício pra viver esta vida que quero.

... "AOS TRANCOS E BARRANCOS" não, o livro que me chegou aqui não vou ler, é muito para minha cabeça. Darcy

Ribeiro é demais, não tenho nem cabelo para perder, lendo como ele é bom na teoria e na prática é opressor, joga o livro fora sem abrir.

Quanto a este, se você quiser fazer a mesma coisa, é problema seu, MAS QUE OS PADRES FALSOS JÁ COMEÇARAM A SER ORDENADOS, já começaram!

CAPÍTULO IV



"Eu não queria ser padre ou médico, queria mesmo ser correspondente de guerra, estar no meio da confusão com todo risco possível."

O QUE VOCÊ COMEU NO ALMOÇO?

O seminário, além de me oferecer estudo de boa qualidade, missa diária, comida razoável, também me trouxe quase cem amizades novas e um aprendizado que considere a sensação mais estranha dos meus treze anos.

— Olhe, o negócio é simples: é só pegar nele e mexer de cima pra baixo.

— E se eu mexer de baixo pra cima?

— Dá na mesma.

— E como é que pega?

— Pega do jeito que você quiser.

— Com dois dedos?

— Pode ser.

— E com a mão toda?

— Putana che ti ha partorito, tu non capisci niente de sexo; masturbati come ti piace.

— E se eu não quiser?

— Problema seu, só que vai ter um monte de sonhos, vai começar a se irritar demais. Não há saco que agüente um seminário.

— E o que está fazendo aqui? — Perguntei ao seminarista mais velho.

— Estou aqui porque meus pais disseram que é uma boa profissão. Nós somos pobres, não tenho chance de estudo. Qual é a família de dez filhos na Itália que não quer ter um padre ou uma freira?

— Eu também... eu também estou aqui porque minha mãe cismou que deve ter um filho padre. Ela fez até uma promessa, daquelas de andar quilômetros e quilômetros descalça. Mas, e a tal da masturbação, quando você começou?

— Comecei assim que cheguei aqui, com nove anos.

— Então já cansou?

— Eu não sei é se vou agüentar passar a minha vida toda na imaginação... Outra coisa, faça isso no banheiro, senão vai sujar o cobertor e aí vai dar encrenca com os padres.

— No banheiro? Mas lá não tem chave.

— Não tem chave porque se tivesse um comia o outro...

— Que é isso?

— Chega, vá e faça, senão não vai suportar o regime daqui, a não ser...

— A não ser o quê?

— A não ser que tenha vocação.

— Que vocação? Isso aqui é idéia da minha mãe e covardia do meu pai. E minha mãe ainda faz chantagem, diz que sofre do coração e se eu fizer coisa contrária ela morre. Tenho que ser padre à força.

— É... seu negócio é banheiro mesmo, depois lhe apresento uns caras aqui dentro que vão quebrar o galho melhor.

— Não entendi.

— Então, vá ao banheiro.

Quando cheguei ao banheiro, não tive coragem por vários motivos: porta sem chave, estampa com Nossa Senhora afixada no lado de dentro e a necessidade de confissão que me haviam imposto.

A estampa de Nossa Senhora estava em todos os banheiros, para arrasar a consciência daqueles que pensavam em realizar a masturbação. "Imagine, diante de Nossa..."

Minha estréia na sensação sexual foi atrás de uma árvore frondosa, cujo tronco era um pouco mais roliço que as coxas de uma vizinha que, de vez em quando, eu olhava. Ficava imaginando sem muita seqüência, porque desconhecia tudo ou quase tudo sobre sexo. Dali para frente, fui apresentado ao giló da turma, perdoem aqueles que não conhecem a piada brasileira segundo a qual todos no quartel prestam conta da alimentação ao general:

— O que você comeu no almoço?

— Giló.

— E você?

— Giló.

Assim, sucessivamente até que surge a última pergunta e última resposta:

— E você?

— Eu ??? Eu sou o Giló.

Pois é, em nossa turma de quase cem garotos havia quatro espontâneos e outros meio à força. Hoje, segundo a pesquisa puxada pelo computador da P-2 e que já deve ter sido divulgada no Brasil, os espontâneos estão numa ascensão incrível.

Suportei o seminário três anos seguidos e depois de pensar em fugir, sair do seminário, sair da Itália, sair de onde me impusessem alguma coisa, resolvi apelar para o machismo do meu pai.

Raramente visitávamos nossos pais. "A saída do seminário alegra o demônio, vocês ficam expostos", diziam os padres.

Uma vez por ano ou duas, em casos especialíssimos, pegávamos a bagagem pequena para ir à família cristã.

A situação estava insuportável... Que me perdoe o leitor, lembrei-me de um fato ocorrido no Brasil, em Cuiabá. O reitor do seminário era homossexual e até foi mandado de volta para a Diocese de onde viera (Bragança Paulista), depois de internizar uns garotos na capital de Mato Grosso. Eu soube do fato porque um elemento do setorial deu os detalhes. Um dos meninos do seminário confessou com o padre, esse que estava lutando contra a tentação:

— *Seu padre*, eu não consegui e bati uma pu...

— Cale-se, não é assim que se fala, você choca os meus ouvidos. Quando você confessar sobre isso, fale sempre comigo, não diga nada aos outros padres, nem ao Bispo. Quando for falar a palavra, não diga bater... diga que você "depenou o sabiá". O garoto recebeu a absolvição sacramental e saiu satisfeito. Acontece que meses depois teve que pedir socorro ao pai, que veio visitá-lo porque o senhor padre-reitor, para ajudá-lo a não pecar, "depenava o seu sabiá"... e com frequência.

Perdoem-me a mistura com esta história fora da época que eu relatava, mas dentro do assunto. Resolvi sair do seminário, para isso precisava chocar meu pai e assim tive uma conversa reservada com ele, numa maldita manhã do dia 24 de dezembro. Véspera de Natal e eu apanhando do pai. Apanhei porque ele não me deixou terminar a mentira. Comecei a falar que queria sair do seminário porque três meninos queriam me pegar à força; antes do término do relato, levei um bofetão.

— *Figlio mio*, non puoi essere un pederasta! Filho meu, não pode ser um pederasta!

Levei bofetão de todo lado e só consegui que parasse quando ele ouviu o que eu disse:

— Mas eu não dei, juro que não dei.

Meu pai me pegou pelo braço, levou-me à cozinha e foi gritando com minha mãe:

— A vocação dele para padre terminou, vai sair do seminário, isto é, já saiu, não volta nem que queira.

Quase dei um pulo de alegria, enquanto minha mãe ia dando escândalo.

— *Disgraziato*, *disgraziato*, a che servano le mie orazione, le mie promesse? Desgraçado, infeliz minhas orações não andiantaram para cumprir minha promessa?

Meu pai, um tanto orgulhoso porque o filho mantivera a virgindade anal, foi completando seu pensamento:

— Agora, ele vai ser médico!

Desolei-me, sentei na primeira cadeira da cozinha.

— Escapo de uma coisa que não quero e caio noutra. Papai, não quero...

— Quer sim, você não tem vocação para padre, mas para médico é só olhar para o seu jeito, para suas mãos, um ótimo cirurgião, você vai ser o orgulho de Trento.

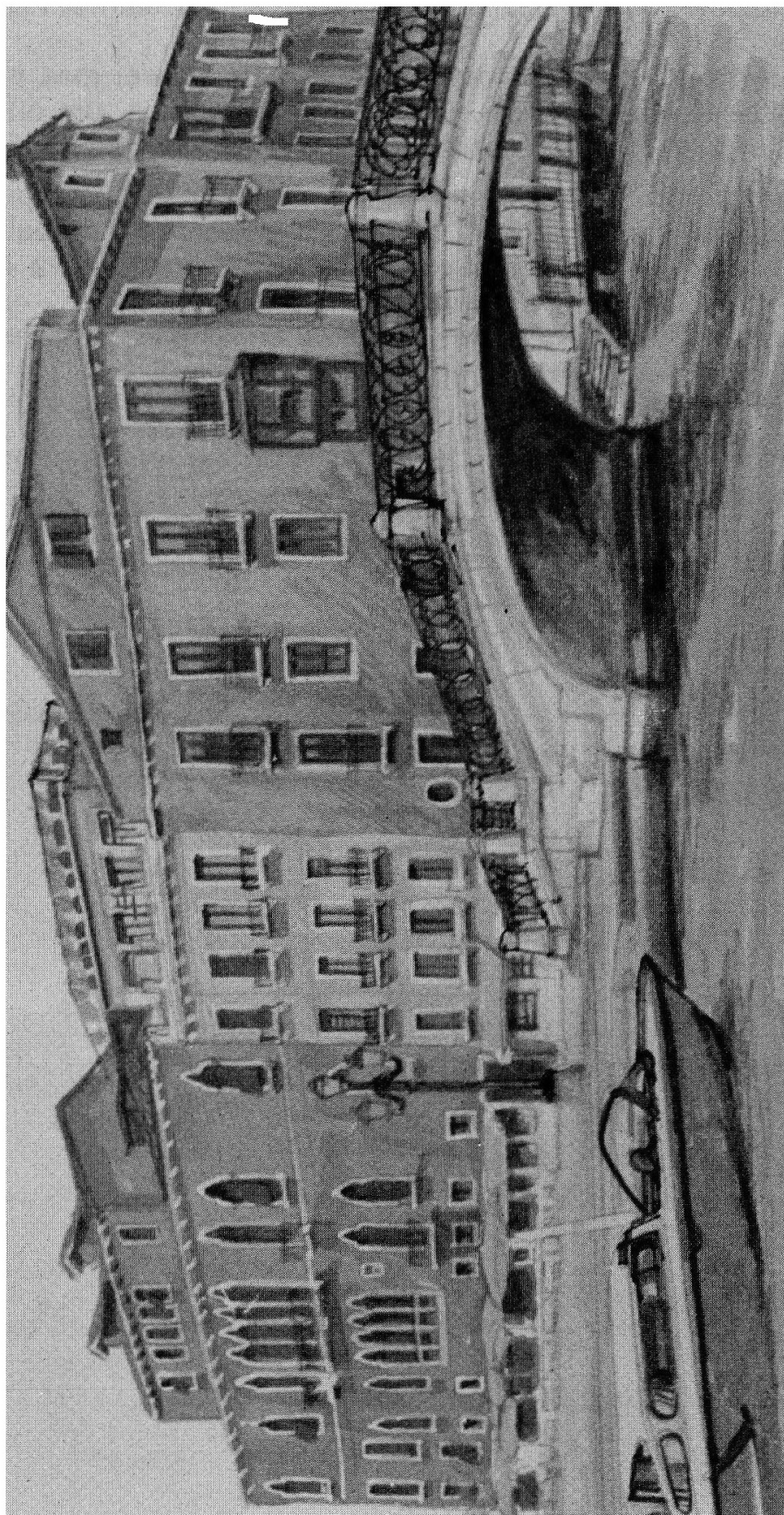
Eu queria que Trento fosse a “puta que o pariu”, queria fazer o que bem entendesse, chegava a sonhar em trabalhar em rádio ou jornal, ser correspondente de guerra. Guerra não falta no mundo. Eu queria aventura maior.

— Correspondente de guerra? Com bombas para todo lado? Dizia minha mãe de olhos arregalados.

— Isso mesmo!

Outro bofetão na boca e dessa vez pela pesadíssima mão da extremosa mãe.

CAPÍTULO V



“Em Veneza, Itália, numa noite regada a sexo e vinho, conheci duas mulheres e um rapaz finíssimo, Marco. Que saudade de Veneza!”

MILAGRE DE SÃO GENARO

Muitas passagens eu poderia descrever da minha juventude, inclusive a tentação do meu pai e minha mãe, na época da guerra, de enfiarem mais três irmãos no seminário para diminuir a despesa de casa.

Resumindo a história deste Francesco que não é Francesco, deste Scalzotto que não é Scalzotto, fui muito dependente do velho. Depois que ele herdou um comércio e desenvolveu-o com uma categoria que impressionou até nossa mãe, a coisa piorou. Acomodei-me em fazer o que me mandassem, contanto que me sustentassem. Só de vez em quando vinha a chama da aventura.

Minha mãe faleceu sem ter nenhum filho padre, porém meu pai venceu... em parte. Formei-me em medicina, num milagre que minha tia dizia:

— É milagre de São Genaro! Milagre de São Genaro!

Realmente era milagre, porque eu não gostava, estudava o mínimo imprescindível, colava tudo que tinha direito e ganhava os pontos mais difíceis nas amizades com os professores. A primeira loucura que meu cérebro computador deve ter anotado foi o roubo de uma prova que eu fiz e refiz, copiando de um colega; com classe de espião antigo, recoloquei no local onde o professor a pegaria.

No último ano da Faculdade, conheci em Veneza, numa noitada regada a sexo e vinho, duas mulheres e um rapaz finíssimo, Marco. Começamos uma amizade muito grande e, num dia de embriaguez, ele começou a contar detalhes interessantes do Vaticano, do pontificado de Pio XII, de rolos entre uma "nova máfia" e a Igreja; de curiosidade aguçada, fui dando corda e mais vinho. Marco contou de viagens que fazia, serviços estranhos, mistura de clero e vigaristas, era inacreditável, mas pelo que conhecia é mais difícil mentir-se bêbado que estando sóbrio. Os detalhes tinham sentido, encaixavam-se e desaguavam no Banco do Vaticano, uma estranha união que me levava a perguntar a mim mesmo se também não estava embriagado. Marco fazia parte da empreitada, era um iniciante que logo de pronto se dera mal e fora levado para a prisão Santa Maria Maggiore. A "nova máfia" entrou em ação e livrou o jovem da penalidade que seria imposta, seu nome ficou limpo novamente. Estava bebendo muito e sua desculpa era o fim de um casamento prematuro e a ameaça que estava sofrendo se não endirei-

tasse depois da extraordinária chance que tivera. Dei razão aos homens que o haviam contratado e intimei-o a tomar jeito. Tentei me aproximar do casal e não foi difícil convencê-los ao retorno. Nossa amizade foi num crescente, ele desabafava seus problemas e eu os meus, principalmente o fato de não querer exercer a medicina e amar profundamente uma vida diferente. Queria algum trabalho que me levasse a viajar, a não ter que ficar atrás de uma mesa assinando papéis ou receitando isto ou aquilo, queria um tipo de vida... um tipo de vida como...

— Como o meu tipo de vida? — Disse Marco.

— Isso mesmo!

Outros detalhes foram de menos importância, a Maçonaria P-2 estava embrionária no serviço que passamos a fazer. A forma européia de aliciamento nada tem a ver com a forma da América do Sul, inclusive por aqui só se entra através de empresários que já estão amarrados na troca de favores, tráfico de influência, etc. Por lá era mais do jeito italiano, por isso muito sangue fervia até chegarem a escândalos, violências e mortes que na América se evitou, quer dizer, o aprendizado europeu levou a uma adaptação ao estilo sulamericano.

Quando terminei Medicina recebi meu diploma, coloquei-o num envelope e mandei pelo correio para meu pai, não o havia notificado nem do dia da festa do recebimento. Seguiu um bilhete lacônico, dizendo:

“Pai, o senhor queria um filho médico, agora já tem, põe o diploma num quadro, pregue numa das paredes de casa e, pelo amor de Deus, de hoje em diante, deixe-me viver a MINHA VIDA, certa ou errada, mas minha vida, minha escolha.”

Entrei para a Maçonaria P-2, não como médico, servi dessa forma ocasionalmente. Gostei do trabalho. Só tive coragem de ver meu pai um ano depois; quando apareci na cidade onde ele se estabelecera, a primeira coisa que recebi foi um tapa na cara, um pontapé na canela e meia dúzia de palavrões:

— Entre, figlio di puttana, parli di sua vita, suo corno!

O diálogo inicial foi bem difícil, mais difícil ainda para um brasileiro entender o deslanche da raiva de um filho de calabreses que casou com uma mulher de Trento, mas não esqueceu a região de onde veio.

Entramos, conversamos bastante; não contei o que fazia, isto é, inventei que era agente de viagem, turismo, coisa assim.

Tomamos muito vinho, almoçamos e jantamos, conheci a madrastra.

— É sua nova mãe, respeite-a e trate com jeito.

A despedida foi cômica, meu pai pegou o diploma que estava no fundo de uma gaveta e foi rasgando em pedacinhos, dizendo:

— Adesso infila nel culo e vai a fare turismo per gli stupidi che vergono a lasciare i dollari in Roma.

Vi meu pai mais quatro vezes, a última dois dias antes da sua morte.

— Agora enfia na bunda e vai fazer turismo em Roma, seu estúpido sem vergonha.

CAPÍTULO VI



"Minha mulher fez cara de Anita Ekberg vestida de freira e eu me senti Fred Berhoff de segunda categoria: Estou ferrada, disse ela, em bom português."

INCLUÍ AGORA

Esta página foi a última a se juntar às outras. Já havia terminado de escrever o que queria e minha mulher, vendo-me fazer o pacote, foi-se aproximando:

— Há dias que estou com vontade de dizer uma coisa.

— Não diz porque não quer, disse eu, já sabendo da curiosidade feminina, que além de tudo também é italiana.

— É sobre o pacote.

— Claro que eu sei. Se você ainda morasse naquele cortiço onde a conheci, você sairia pelas ruelas ou ficaria à janela, gritando: Ei, gente, o Francesco está entregando o ouro...

— Cortiço, não...

— É brincadeira, brincadeira, mulher. O que quer saber?

— Não vai complicar nossa vida outra vez?

— Não, nem sua mãe sabe onde estamos.

— É um livro...?

— Isso mesmo, um livro.

— Mas você nunca foi escritor.

— Por isso mesmo o nome do livro não é "FUI ESCRITOR".

— Qual é o nome do livro?

— "FUI ESPIÃO!"

Minha mulher fez cara de Anita Ekberg vestida de freira:

— Sono ferrata!

CAPÍTULO VII



“Na Maçonaria P-2 encontramos pessoas ligadas a política, às forças armadas, aos meios de comunicação, a Igreja...”

A SECRETARIA

A Maçonaria P-2 é uma Organização com departamentos “quase autônomos”, que na América do Sul denominaram Secretaria. Existem pessoas ligadas à política, às forças armadas, aos meios de comunicação, à Igreja, etc. Cada grupo de trabalho LOCALIZADO chama-se Secretaria e cada uma tem um objetivo. A maioria não se conhece entre si, somente a cúpula de cada Secretaria, porque vez ou outra trocam favores devido às áreas em que estão trabalhando. Acontece perfeitamente de um agente receber um favor de alguém sem saber que esse alguém foi determinado a facilitar tal serviço.

Nenhum braço da P-2, isto é, nenhuma Secretaria da Organização é deficitária, isso porque na América bolaram uma forma de “achaque” diferente: há uma reciprocidade, troca de favores que obriga as partes a se calarem. Isso amarra uns aos outros e, mesmo quando alguém não precisa mais da P-2 ou vice-versa, o silêncio permanece. O grande achado da P-2 foi criar uma interdependência e agir SEMPRE com o menor número possível de pessoas. Os regimes ditatoriais da América obrigaram a P-2 à criatividade, isto é, em vez de usarem a violência e a força que por aqui já eram lugar comum, passaram a usar o tráfego de influência. O suborno é pacífico, o empresário quer passe livre para o progresso financeiro ou outro qualquer, o agente é aliciado pelo empresário, que faz questão de escolher a dedo para não comprometer-se. Em suma, a P-2 apenas arranja os contatos subornáveis e administra com categoria. Todo empresário que recebe o favor através do tráfego de influência, que vai de uma concorrência ganha a uma tramóia de importação, ou liberação para um empreendimento a uma concessão ou carta patente que vem de cima... enfim, todo empresário que aceita se amarra. Quando a P-2 precisa de um agente, reúne-se com alguns deles, expõe o tipo, o perfil. Levanta a ficha, testa, segue uma rotina que termina sempre na aprovação do indivíduo, porque o empresário que oferece escolhe o melhor.

Cada Secretaria tem seus agentes, empresários, verbas, prestações de conta, objetivos, contatos INDEPENDENTEMENTE das outras; isso não quer dizer que não possam, através da cúpula, solicitar permissão para usar a influência de alguém ligado a outro braço da Organização.

O número de elementos trabalhando é insignificante perto de qualquer grupo considerado “corpo estranho” na sociedade.

Qualquer Libelu do PT teria mais agentes. O que acontece com a P-2 é a organização, os contatos, os subornos... há político brasileiro eleito que presta favor — e NEM DESCONFIA — à Maçonaria P-2. Não há interesse na cúpula em divulgar: SOMOS FORTES! O que interessa é troca de favores, faturar e dar continuidade. Devido a todos os erros cometidos na Europa, aqui na América tudo se encaminhou dentro de outra realidade e sem o sangue fervendo de um tipo de máfia que parte da violência para o objetivo. Aqui se tem o objetivo e a violência somente em último caso, assim mesmo de uma forma que nem a polícia desconfia que foi racha de um ou outro lado. O número de mortos foi muito baixo, insignificante na América; dos quatro ou cinco, não me lembro bem, o método foi o golpe do assalto. Em cidade grande, numa São Paulo ou Rio de Janeiro, o número de pessoas mortas por assaltantes é grande demais.

A P-2 tem em seus quadros civis e militares, o importante não é a farda ou não. Há muito mais civis que militares. Dentre os civis se encontram pessoas que aparentemente se dedicam só ao campo da engenharia, da advocacia, do ensino, da comunicação, etc. O principal é a eficiência. Há num dos quadros inclusive um homem simples, um eletricista semi-analfabeto, que nessa profissão serviu a uma das Secretarias melhor que um idiota de um advogado que se propunha a... Não interessa, queria que o leitor se habituasse ao meu jeito, o detalhe do advogado não vai importar, assim como outras coisas importariam, mas trariam perigo para mim ou um ex-colega, por isso não detalharei. Minha lealdade não permite. Como dizia, o importante é a eficiência. O Coronel... isto é, o Dr. Cuoco, é um homem que foi escolhido com pleno acerto para a Secretaria que trataria da questão IGREJA.

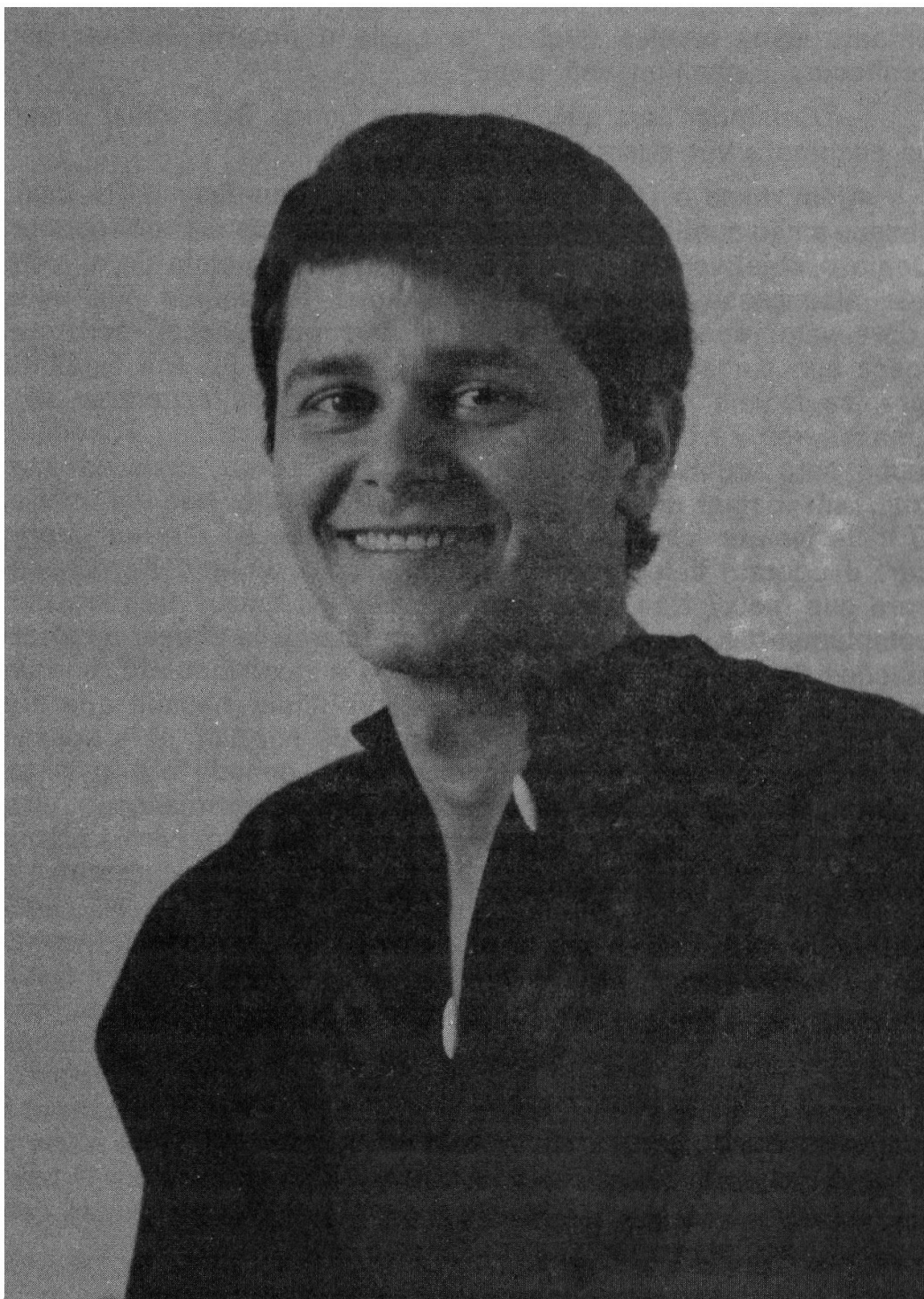
Cada Secretaria age num campo e, como disse, com objetivos determinados pela Central. Cada Secretaria tem setoriais. Dividiu-se o Brasil geograficamente e formaram-se setoriais que têm o mesmo objetivo mas a ação de cada uma é localizada, há limite territorial; se for passar, é preciso aprovação da cúpula e o trabalho poderá até ser feito em conjunto. O interessante é que é tão bem organizado que raramente um agente de uma setorial conhece o outro; quando a ação é grande, os agentes trabalham em conjunto, mas o esquema é feito de forma que cada um faça seu papel sem ter contato entre si, isto é, na mesma Secretaria quase sempre um agente não conhece o outro, faz somente seu papel, que geralmente é preparado para dar certo de forma individual. Vejamos o caso do Neimar de Barros,

que se tornou um fato público no Brasil. A Secretaria poderia usar dez, vinte, trinta pessoas fazendo o mesmo trabalho, no entanto usou apenas quatro, os quais o próprio Neimar não conhecia... nenhum dos três.

— Conhecer para quê? Dizia o Dr. Cuoco. Para tomar chopp na esquina e ver quem sabe mais?

Além disso o Dr. Cuoco, a partir da conversão do Neimar, passou a não confiar como no início, pois ele quis sair de repente. Como o objetivo e o plano em si estavam em cima de alguém que alcançasse popularidade, o Neimar foi aquele que mais sobressaiu; sendo assim, ele teria que permanecer nem que fosse sob ameaça, vivendo tensões. Assim se fez e é evidente que, se Neimar não tivesse tido prudência de esperar o momento certo, seria morto como um elemento assaltado. A polícia, louca para arquivar, encerraria o caso e pronto, mais um que iria sem deixar pistas do subterrâneo deste tipo de máfia. O caso Neimar cai bem em cima da explicação que eu queria dar, o contato dele era somente comigo e com o Dr. Cuoco. Para que mais? Não havia necessidade, os outros três traziam complementos. As vezes, o Dr. Cuoco, mandava checar as informações do Neimar, foi aí que começou a ficar inquieto, porque percebeu que ele passou a não se aprofundar naquilo que era pedido. Neimar passou a dar números que serviam para nossas pesquisas, mas sem o entusiasmo inicial, quando ele ia além. Neimar foi ficando cada dia mais frio e só permaneceu vivo porque a P-2 não queria levantar nenhuma questão, correr algum risco, antes de o projeto estar pelo menos com o primeiro pé no degrau do altar. Neimar pensava que enganava a P-2, omitindo-se e falando o óbvio que qualquer paroquiano sabia. Mesmo assim, os números, os detalhes formais, o cotidiano do seminário, a “escolha”, a abertura para o adulto ser padre, sua convivência sem concordar com a hierarquia e tantas coisinhas que para qualquer um seria tolice para a P-2 era importante. Juntando tudo isso, formava-se um bolo... tipo bolo surpresa que se faz no Brasil (aquele em que se põe moeda dentro e quem receber a fatia vai entrar o ano ganhando dinheiro, etc.). O bolo de pequenas informações levava a um objetivo que nenhum dos quatro sabia; havia um plano, o resto era conosco.

CAPÍTULO VIII



"... Um convertido, alguém que chamasse atenção para que não se perdesse muito tempo. Alguém de comunicação, alguém que pudesse ficar conhecido de repente... Foi assim que surgiu o nome de Neimar de Barros pela primeira vez..."

(ver página 93)

QUE TAL TERMOS UM PADRE DA P-2?

O passo inicial da Maçonaria P-2, através da Secretaria criada para assuntos da Igreja, seria infiltração nos quadros do clero. Após um longo estudo, chegou-se à conclusão que a desorganização da Igreja no Brasil, as tendências tão diferentes do clero, a extensão do país, dioceses grandes demais onde o bispo se perde sem acesso a detalhes dos andamentos, falta de sacerdotes, desespero pela enorme procura (povo) com pouca oferta (padres)... Tudo isso favorecia um plano audacioso, ainda mais depois do Concílio Vaticano II, com a debandada dos padres da Igreja rumo ao casamento e rebelião de padres em vários lugares como em Botucatu, onde exigiam que fossem ouvidos na escolha do bispo (não queriam Dom Zioni pelo conservadorismo). Enfim, o Brasil tinha tudo para uma boa infiltração. A Maçonaria P-2 queria testar algo que pudesse EXPORTAR para outros países. Poder e dinheiro são o significado maior da P-2. A Igreja, capengando ou não, tem essas duas coisas. Apesar de a Maçonaria P-2 não ter ligação filantrópica ou idealista com a maçonaria tradicional, carrega uma diferença em relação à Igreja, que prega uma coisa e vive outra:

— Nós pelo menos somos claros naquilo que queremos, dizia numa reunião de setorial um fraterno.

Tudo favorecia para que o Brasil fosse cobaia de uma empreitada das mais audaciosas. Bombardear a Igreja de fora para dentro só a fazia passar por vítima e, além disso, não entrava dinheiro nenhum, ao contrário, gastava-se. O ponto crucial era como pôr alguém dentro dos quadros, investir nisso e depois esse alguém ajudar a desmoralizar a Igreja e ainda trazer lucro. A Secretaria para assuntos da Igreja teve essa bomba na mão a partir da Itália, acontece que lá seria muito arriscado, a imprensa anda colada em tudo que acontece no Vaticano. Quer notícias boas ou más e esse trabalho teria que ser feito no silêncio. O passo precisava mesmo ser maior que a perna e dos levantamentos feitos o Brasil seria o ideal. Morremos de rir quando De Gaulle disse que o Brasil não era um país sério, eu não quis nem saber em que ponto, porque na minha opinião é em quase todos os pontos.

— Que tal termos um padre da P-2?

A idéia absurda foi sendo amadurecida em cima da desorganização da Igreja, tudo isso foi sendo passado para os quadros

da Argentina, que já estava agindo com outro tipo de trabalho mais ligado ao financeiro e depois houve a exportação de alguns elementos para a fundação no Brasil.

Eu saí da Itália em 1960, fiquei na Argentina dois anos e cheguei a essa terra maravilhosa em 1962. O Brasil me encantou por tudo; pela alegria do povo, pela maneira fácil de fazer amizade, pela natureza, pela despreocupação... É evidente que não concordo com tudo, mas me encantou até o fazer piada das coisas que não dão para mudar ou que não querem mudar. O Brasil é um país diferente e só vivo fora hoje por segurança, mais nada. A bagunça do Brasil me encanta em certos pontos e noutros me irrita; como o encanto é maior, eu lamento não viver aí. Encanta-me a espontaneidade, a criatividade, o gosto de viver, o senso de humor. Irrita-me a memória curta, a passividade, a falta de politização... Mas como nem tudo é perfeito, eu amo o Brasil.

A primeira tentativa de colocar alguém nos quadros da Igreja foi ainda na década de 60, depois de muito estudo e treinamento, surgiu a figura central que passaria por sacerdote, um ex-seminarista, já madurão na idade, para haver crédito seria importante. Todo de batina e batendo à porta de um bispo conservador em Bragança Paulista, não deu outra, emplacou e ficou como vigário em Nazaré Paulista uns três anos. Depois, por não termos conseguido falsa documentação de tudo, inexperiência nessa primeira ação, detetaram o homem como falso padre. Como prevíamos que tudo seria possível, bastou dar uma de doido e tudo ficou numa boa. Não havia acusação de roubo ou qualquer coisa assim, ao contrário, ele servira a Igreja com amor, com tanto amor que foi pedida licença especial em Roma para que todos os sacramentos que ele tinha dirigido ficassem válidos, isto é, casamentos, confissões, batizados, etc. E veio a autorização.

— Não se preocupem, quem casou, casou mesmo. Quem recebeu extrema-unção valeu, não foi para o inferno.

O povo ignorante ficou feliz, a Diocese se desculpou pela falha, a Igreja não deu corda, a Imprensa sufocada onde pôde e tudo caiu no esquecimento. Em compensação, em cima dessa experiência surgiu uma mais ousada:

— Nada mais de arranjar alguém para fingir-se de padre. Precisamos mesmo é de um padre.

— Um padre?

— É.

— Como? Perguntavam-se uns aos outros na reunião das setoriais.

— Esse tal de “como” é que teremos de resolver. A experiência em Nazaré Paulista, apesar de tudo, foi bem, a saída foi honrosa, mas agora não podemos mais arriscar, precisa ser para valer e temos um fundo para aplicação no projeto, fundo que vem de gente que está subindo mais do que o previsto.

Assim surgiu o projeto IMP. Projeto IMP seria IMPLOSAÇÃO, alguém dentro, um padre que seria mesmo padre. Como suborno não adiantaria muito, seria preciso formar um padre, fazer um padre. Levar alguém a ordenar-se. Quem? Quando? Como? Primeiro ponto seria ter alguém de muita penetração na Igreja e que trouxesse informações dos detalhes de uma “fábrica de padres”: seminário. O pior é que havia Congregações Religiosas tentando ordenações sem estudo em seminário, a coisa complicava. Só mesmo gente lá dentro, com acesso, com credibilidade, com trânsito livre para dizer o que é possível.

O projeto IMP foi levado a uma reunião extraordinária com os poucos empresários que sustentavam a Secretaria dessa área, para tentar localizar-se uma figura que pudesse penetrar nos quadros da Igreja como leigo. Um convertido, alguém que chamasse atenção para que não se perdesse muito tempo. Alguém de comunicação, alguém que pudesse ficar conhecido de repente. . . Foi assim que surgiu o nome de Neimar de Barros pela primeira vez dentro de uma reunião ligada à Maçonaria P-2. Interessante, e já me havia esquecido de colocar, que a pessoa para participar como agente, empresário ou mesmo ser da cúpula não necessitava ser maçom, esse maçom que todos conhecem e que não tem nada a ver com P-2. O nome maçonaria veio de um grupo que queria ir além das reuniões filantrópicas e resolveu levar adiante determinados planos, aproveitando-se de alguns elementos que se desviaram e viram-se com possibilidades de tráfico de influência, suborno, etc, visando unicamente o símbolo P-2. Assim sendo, o nome maçonaria é porque nasceu numa Loja, mas o desvio foi total.

O projeto IMP foi posto em prática e vingou. Vingou mesmo e a culpa na minha opinião não é nem minha nem do Cuoco nem de quem vocês venham a conhecer num futuro qualquer. A culpa é da própria Igreja, que pensou que bastava um Concílio para se enquadrar no mundo de hoje. Qualquer um sabe que o Concílio Vaticano II foi uma decisão desesperada de alguém que realmente amava a Igreja: o Papa João XXIII, que

sabia que tinha sido eleito como Papa de transição, isto é, a máfia da Cúria Romana, após tantos empates na votação, tanta briga pelo poder, determinou que em nome da “prudência” se colocasse alguém que ficasse pouco tempo. João XXIII estava doente, duraria pouco tempo, não menos de dois e não mais de oito anos. Um Papa de transição enquanto se conciliassem as vozes discordantes dos bastidores do Vaticano. Acontece que quando João XXIII subiu ao trono não quis ser brinquedo e resolveu dar uma viravolta na Igreja. Sabia que tinha pouco tempo e imediatamente pensou num Concílio para tentar pelo menos atualizar a Igreja, que dia-a-dia descambava numa falsidade de manter-se por estatísticas. O Papa João quis atualizar e mostrar a verdadeira face da Igreja.

— Mas você viu o número de padres que saíram?

Essa pergunta sempre vem quando se fala no Concílio Vaticano II. Acontece que isso seria um ponto positivo se a Igreja tivesse humildade de reconhecer que seria melhor e mais útil para ela ter padres casados do que fingindo celibato.

Devem lamentar-se os católicos de que não se tenha dado continuidade às medidas de atualização. Paulo VI fez o possível; espremido pela Cúria, foi definhando no mandato e recebendo pressões incríveis para não liberar os padres que entravam com pedidos de dispensa. Depois, João Paulo I, que DEUS NÃO LEVOU e sim o envenenamento que sofreu. Agora João Paulo II, que parece ser aberto e comunicativo, mas desde o começo do seu pseudo governo não assina mais liberação de padres e eles continuam debandando para união com papel ou sem papel. Enfim, obediência cega, irrestrita e confiança na infalibilidade virou piada. A maioria, mas maioria mesmo, dos padres não segue mais à risca as determinações de Roma. Ler documentos então é raridade, nem 5% do clero leu os documentos dos últimos dez anos. Os documentos mais lidos foram da CNBB, assim mesmo quando o tema era política e no ferver da ditadura, quando padres foram presos e alguns assassinados. Nessa época, a Igreja esboçou um crescimento porque fez frente ampla, mas logo se acomodou e voltou a mesma merda de sempre.

Na minha opinião, os documentos de Medellin foram um avanço e os documentos de Puebla foram início de um retrocesso, isto é, Puebla não deu continuidade a Medellin. Vai e volta, fica em cima do muro. Finge que se liberta e escraviza, enfim o polonês deve ter dito:

— Padre revolucionário só admito na Polônia, fora de lá chamarei todos de comunistas.

Tanto é verdade que na época áurea da ditadura na Argentina, quando o clero queria um apoio para uma ação, veio uma carta de Roma preocupada com o fato dos padres argentinos não usarem batinas como deveriam.

Brasil!

Viva o Brasil! Se a Igreja no mundo já não ia bem, imagine no país do carnaval? Imagine aqui onde de cada mil comunhões você encontra uma pessoa se confessando e oitenta por cento dizendo abertamente que é contra esse sacramento.

O Brasil foi o país viável para o projeto IMP.

CAPÍTULO IX



“Em 1960 eu cumpria muito bem meu papel como funcionário no I.O.R. — Instituto para as Obras Religiosas — Sabem o que é isso??? É o nome verdadeiro do Banco do Vaticano.

FUNCIONÁRIO DO VATICANO

Em 1960, eu cumpria muito bem meu papel como funcionário no I.O.R. — Instituto para as Obras Religiosas. Sabem o que é isso?? É o nome verdadeiro do Banco do Vaticano. Um Banco maravilhoso, isento até de impostos, porque um cristão de primeira linha como Mussolini aprovou uma circular onde a Santa Sé, a partir de 31 de dezembro de 1942, ficava isenta do pagamento de impostos sobre dividendos.

O Tratado de Latrão — Ladrão em português ficaria melhor foi um presente do senhor Benito Mussolini que, além de muitos benefícios e regalias, ainda deu reconhecimento como Estado Independente (1929). Em 1960, eu estava prestando serviço para a P-2 no próprio Banco do Vaticano que, aos poucos, se foi envolvendo com os grandes desta Maçonaria até os escândalos que todos conhecem pelos noticiários. Não bastavam as repercussões negativas deixadas por Bernardino Nogara, irmão de Monsenhor Nogara, influente no tempo de Pio XI... Repercussões que mesmo dentro do Banco se ouviam depois de tantos anos, quando o senhor Nogara, com consentimento do Papa, juntava dinheiro vindo da Igreja do mundo todo e especulava de toda forma: Bolsas de Valores, câmbio, ações de companhias que fabricavam ou vendiam bombas, canhões, tanques e até os famosos anticoncepcionais. Quando essas repercussões deixavam de ser comentadas, surgiram os fatos comprovados contra o arcebispo Paul Marcinkus, que fora até guarda-costas do Papa João Paulo II no Brasil. Esse homem, que não era nenhum juvenzinho envolvido, como meu caso e da maioria dos que foram agentes, informantes ou espiões da P-2; esse homem adulto, maduro, galgando alto posto na hierarquia católica, aparece nos escândalos de evasão fiscal, movimento ilegal de ações, legalização de dinheiro da máfia e envolve-se com Roberto Calvi, do Banco Ambrosiano, em transações de que nem o Espírito Santo desconfia, onde rolam dólares e cabeças à vontade. Nesse rolo todo a Igreja e a máfia dão as mãos e outra Instituição Financeira Católica divide as trapaças com Calvi, que até se torna acionista majoritário da Banca Católica del Veneto.

Em 1960, eu estava no Banco do Vaticano, quando recebi uma proposta para deixar meu país e vir para a América do Sul. Eu era independente, não tinha que dar satisfação a ninguém,

muito menos ao meu pai, que sonhara com o filho construindo um hospital em Trento.

Não quis saber para onde, disse meu sim e dois dias depois estava numa reunião para que determinassem meu trabalho. Só uma coisa eu lamentava, lembrando sonhos de criança; jamais poderia ser correspondente de guerra ou mesmo de paz, porém o trabalho me agradava e eu, que entrara como informante, passei a agente e já era há poucos meses um espião, porque recebia trabalhos de risco.

Fiquei na Argentina dois anos, onde estavam começando um trabalho também ligado ao setor de Igreja. Lá é muito mais fácil de trabalhar, porque o clero conservador é maioria absoluta e isso torna o serviço mais acessível. Não poderei detalhar muitas passagens desses vinte e quatro meses, porque hoje é meu país e jamais correria risco de ser localizado ou identificado como aquele que fez isso ou aquilo. Mesmo assim, vale a pena contar que os senhores bispos na Argentina recebiam salário do governo, como se fossem oficiais, talvez militares de batina. O governo ditatorial depositava o salário mensalmente na conta do Representante de Deus e poucos tinham "coragem" de devolver a quantia ao Estado. Certa vez, fazendo um trabalho de espionagem numa diocese e como padre italiano de passagem, sem muito assunto tentei convencer o bispo a não devolver a quantia generosa que vinha para sua já gorda conta corrente.

— Padre Gentili, não acho justo, esse dinheiro não me pertence.

Gentili era eu mesmo.

— Mas se o senhor der 10% aos pobres ou às obras assistenciais estará cumprindo seu papel, será seu dízimo pelo ganho.

— Acha isso, Padre Gentili?

— Sim, claro, afinal é um dinheiro que o senhor não pediu.

— Pois é, não pedi.

— Então, o pecado está longe, basta cumprir o preceito, a tradição...

— O dízimo?

— Exatamente.

Não foi difícil convencer o bispo e que Deus o tenha no Inferno, porque o luxo em que vivia era uma afronta aos pobres da Argentina.

Neste país conheci minha companheira de todas as horas, quase todas as horas, porque agora está lá no Caixa, enquanto eu dou uma surra nesta máquina de escrever.

Estamos juntos há 27 anos e quando já estava se acostumando à vida agitada no Brasil resolvemos sossegar de vez.

— Só falta um enfarte aparecer por aqui. Francesco, diminua o peso, não repita o prato, não seja guloso. Olhe é pecado mortal.

— Gula, gula. . . Ouço isso há pelo menos cinqüenta e sete anos. Creio que minha mãe, além dos dois seios cheios de leite, ainda me servia algumas mamadeiras nos intervalos.

CAPÍTULO X



— Você vai ter que ir para o Brasil: carnaval, mulata, cachaça...

CARNAVAL, MULATA E CACHAÇA...

Cheguei a uma hora da manhã em casa e confessei a minha esposa que poderia ter chegado mais cedo; porém, depois de participar de uma reunião de católicos tradicionais e padres ultra-conservadores, chegaram à conclusão de que deveriam abrigar um militar direitista que eu já sabia que estava envolvido até em casos de seqüestros de crianças. As argumentações eram terríveis e eu ia pela maioria, para não sobressair.

— Creio que estamos vivendo uma guerra.

— Senhor vigário, esse homem é acusado de sumir com pessoas.

— Até crianças, disse o mais jovem do grupo.

— Isso é conversa da oposição, retrucou o padre. E você é muito jovem para opinar, inclusive eu disse ao Miguel para não traz...

— É meu filho, senhor vigário, é de confiança.

— Creio que com os subversivos é preciso força, e o homem que precisamos esconder por uns dias estava nos defendendo, defendendo o direito de viver em paz, de buscar a democracia.

— Se os militares estão mandando no país, porque ele quer abrigo?

— Sr. Miguel, peça ao seu filho para se calar.

— Eu sei a resposta, disse o jovem, os amigos dos pais desaparecidos querem pegar o maldito que também sumiu com a criança.

— Vivemos uma guerra, meu jovem...

A reunião foi longa e das nove pessoas sete votaram para que se desse abrigo ao militar, até que resolvessem sua saída da cidade ou do país, não estava bem clara a situação futura.

* * *

Eu poderia ter chegado mais cedo, porém quis suportar tudo para ver até que ponto a Igreja estava submissa à vontade do Estado, até que ponto a coragem dos antigos cristãos ressuscitava no clero argentino.

— Francesco, não tire nem o paletó, estão esperando sua presença na Rua Montevideu, calçada quatro.

— Agora?
— Agora. É urgente.
— É mais que urgente. Eles nunca fazem isso.
— Francesco, o que é calçada quatro?
— Mulher, hoje é dia 11 de abril, dia de São Estanislau, vá ver se localiza sua biografia, vá.
— Francesco, que brincadeira é essa?
— Há coisa, mulher, que é bom a gente não saber... Já vou indo.

* * *

Mantive contato e recebi uma ordem estranha:
— Você vai ter que ir para o Brasil.
— Ao Brasil?
— Não, eu disse PARA o Brasil.
— Ir de mudança?
— Isso mesmo: carnaval, mulata, cachaça...
— Não encha o saco, chego lá é trabalho em dobro. Quando vim para a Argentina disseram-me assim: churrasco, mate (chimarrão) e tanguerias à vontade.
— Tanguerias?
— Dançarinas de tango. E o que tive? Fico mais tempo vestido de padre do que de roupa comum.
— Você de saia é...
— Eu estou surpreso, sinceramente não estou tão furioso, até que gostaria de ir ao Brasil, talvez não PARA ficar. Por que pressa tamanha?

O contato tirou umas cinquenta folhas de uma pasta e começou a demonstrar a implantação da Maçonaria P-2 no Brasil. No lado esquerdo as folhas, no lado direito o mapa. Fiquei bestificado ao ver o tamanho do país. É claro, já havia visto o mapa da América do Sul, mas desta vez comecei a me situar. A Argentina era uma enormidade perto de onde eu viera, agora o Brasil, fui vendo quilômetros e aquilo me encantava e assustava-me:

— Que pena que eu não posso ser um corresponde, disse ao contato, que era simplesmente Marco, meu grande amigo Marco, o tal ex-prisioneiro limpinho na Itália pela P-2. Como Marco me conhecia, a resposta veio:

— Você vai como correspondente, de vez em quando me manda dizer a diferença entre tangureira e mulata.

Olhando o relógio, fui apressando a conversa:

— Qual o problema?

— A P-2 já está funcionando por lá, início... Você por aqui se sobressaiu muito na Secretaria ligada à Igreja por causa das experiências passadas: foi seminarista, Banco do Vaticano...

— Já tenho batina.

— Pois é, a coisa lá vai bem, já armaram setoriais, penetração com autoridades, suborno à vontade, igreja um pouco mais problemática que aqui, mas...

— Mas o quê?

— Vai ser o melhor campo para o plano D (no Brasil chamou-se IMP). Como você vem se saindo bem no meio dos corvos, não haverá problema e chegou o pedido de lá. Inclusive não seria você a ir.

— Que confusão, não estou entendendo. Estou saindo bem aqui, mas vou para lá, não era eu e lá vou eu, que porra é essa?

— É que temos de mandar um só.

— Se for para ficar definitivamente, mande o outro que você disse que tem.

— Acontece que o fraterno de lá é influente, muito influente com a cúpula da cúpula.

— E daí?

— Esse sujeito tem livre acesso, influência...

— Você já disse, comecei a me irritar. Fale, Marco, que porra de bomba vocês vão jogar para mim?

— Apesar de todos sermos da mesma Organização é sempre bom a gente atender os colegas de outros lugares, ainda mais quando o cara...

— Quando é influente, quando fala direto com o chefe, e daí???

— Daí que é para trabalhar direto com esse sujeito.

— E por que não o outro que você teria? Ele também não é bom?

— É, mas acontece que o chefão brasileiro sofreu um enfarte, um enfartozinho...

— Porca miseria, adesso vuoi lasciarmi pazzo. E che tengo io di veder con questo?

— Francesco, o brasileiro já se refez, está inteiro, é forte e, quando conseguiu autorização para requisitar um de nós, pediu prioridade para ALGUÉM que fosse médico ou enfermeiro, enfim, que entendesse alguma coisa de medicina.

— E eu com isso?

— Cazzo, tu sei medico!

— Eu??? Marco, vá à puta que o pariu, enfie a P-2 no rabo. Não saí de Trento para ser médico no Brasil, paparicando um marmanjo que tem medo de morrer.

— Mas...

— E outra coisa, sou pediatra, não entendo porra nenhuma do coração e, se quiser saber mais nem de criança. Ainda bem que nem filho tive para não passar vergonha de não saber nem tratá-lo.

— O cara não exigiu especialidade.

— Nada disso.

— Nós vamos atender um influente, você vai ganhar mais, não vai fazer quase nada...

— Já conheço esse papo, vou apelar para o fraterno-mor, eu não vou.

— É moleza, a Igreja lá não tem o mínimo do perigo da Igreja da Argentina. Brasileiro é melhor de se lidar e...

— Não adianta. Vou para lá como espião médico? Que porra de função é essa? Vou espionar o coração do cara?

— Ele está bem de saúde, é só precaução.

— Outra coisa, desaprendi até a dar injeção, esse cara pode estar morrendo na minha frente que o máximo que eu faço é telefonar para o hospital.

— Ótimo, então você vai.

— Como vou?

— Ele quis um médico, não falou mais nada. Não quer saber se está na ativa ou não. Além disso, o cara está bem, é uma fortaleza.

— E teve enfarte?

— Francesco, pegue seu diploma e vá para o Brasil. Você terá só UM cliente.

— Marco, meu pai picou meu diploma e mandou-me enfiar no rabo. Faço minhas as palavras dele, se eu tivesse o diploma agora eu queria...

— Francesco, pela nossa amizade...

Soltei mais meia dúzia de palavrões, tomei meu vinho e prometi consultar minha esposa. Quatro e meia da manhã cheguei a casa, tomei banho, pus o pijama e, quando fui deitar devagarzinho, ela foi dizendo:

— É para sair da Argentina?

— É.

— É para a Bolívia?

— Não.

— É para o Paraguai?

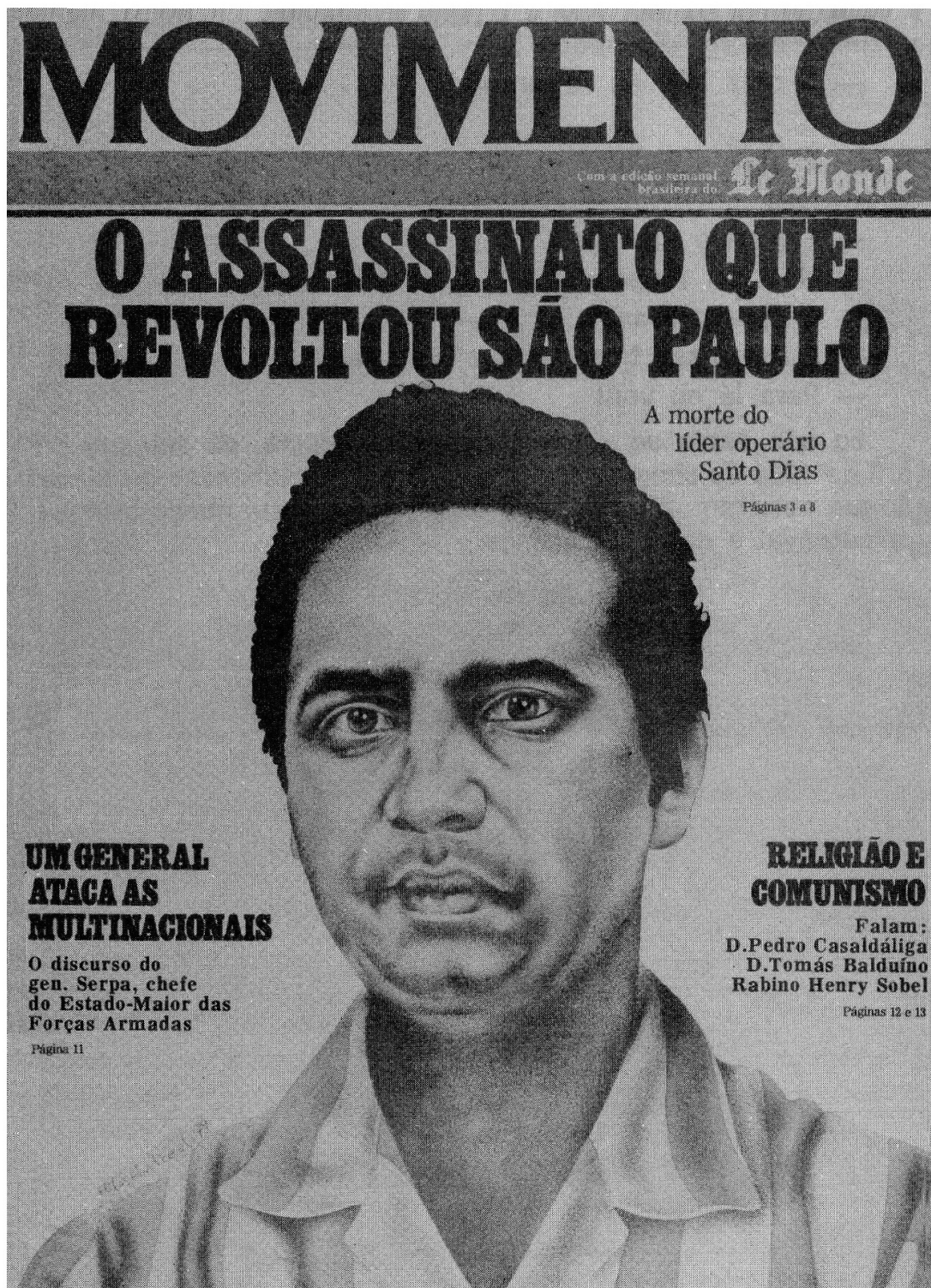
— Não, fui respondendo, já me irritando.

— É para o Brasil?

— Éééé, disse bem forte e com raiva.

— Para lá eu vou!

Eu não sabia se xingava ou se agradecia, só sei que em abril de 1962 eu cheguei ao Brasil e as três promessas de Marco não me serviram: nunca trepei com uma mulata, nunca brinquei em carnaval e detesto cachaça.



Quem chegou perto da notícia foi o falecido jornal O MOVIMENTO.

CADÊ A BATINA, MONSENHOR?

Meu relacionamento com o Dr. Cuoco foi razoável até 1970. Nosso trabalho maior foi viajar o país todo num assessoramento e coordenação para que todas as setoriais estivessem interligadas num só objetivo, numa só linguagem e com obediência total a uma comissão nacional.

Somente a cúpula sabia do plano IMP e não havia pressa para sua realização, porque depois do fracasso da primeira investida seria preciso prudência para que não houvesse nenhum estouro sobre a P-2, tanto na imprensa marrom como na imprensa de esquerda, que jamais parou de funcionar mesmo na clandestinidade. Quem chegou perto da notícia foi o falecido jornal O MOVIMENTO, com uma turma de muito peito como Antônio Carlos Ferreira e Raimundo Rodrigues Pereira. Formaram dois Conselhos, um de Direção e outro Editorial, e colocaram gente de peso para que qualquer ação da ditadura repercutisse de forma negativa perante o público, assim mesmo os grupos para-militares arrebataram com a redação, com as máquinas, várias vezes. Esse jornal chegou perto do fio da meada da P-2. Veja bem, o meu espírito inquieto, que me levou à Organização, nunca foi suficientemente imparcial para notar gente de valor. Eu estava envolvendo o Padre Camacho, um português muito formal, de bom coração, mas ingênuo quanto a esse tipo de ação que eu desenvolvia. Queria fazer uma boa amizade e através dele ser apresentado a algumas autoridades eclesiásticas, que me abriam portas para mais informações que ajudariam o plano IMP.

Saíamos da Catedral da Praça da Sé, eu de terno escuro, com a cruz na lapela me identificando como padre italiano de férias no Brasil, visitando um irmão que aqui morava. Disse que ficaria dois meses, acreditava que seria o tempo necessário para convencer o Padre Camacho e realizar a operação. Ao último degrau da escadaria da Catedral um sujeito me pegou pelo braço e foi me perguntando:

— Cadê a batina, monsenhor?

— Batina? Na surpresa da pergunta quis reconhecer o danado do jovem, enquanto Padre Camacho, inocentemente, tentou desfazer o engano.

— Que batina? Ele não usa, além disso não é monsenhor, é um simples dominicano.

— Mas eu o vi de batina.

Naquele instante, lembrei-me da figura, era um danado de um repórter do jornal O MOVIMENTO a quem eu ajudara a entrar em ITAICI, casa de retiros, perto de Campinas, famosa porque é local onde os bispos do Brasil todo se reúnem periodicamente. Há alguns meses lá estava eu infiltrado, espião mesmo, vestido de padre e fingindo assessorar um bispo.

— Que bispo? Perguntou-me outro padre na portaria.

— Dom Zioni, respondi imediatamente, vendo-o chegar com a bagagem na mão. Fui até ele, peguei sua mala e acompanhei-o para dentro, passando pelo curioso que quase vetara minha entrada. O bispo pensou que fosse gentileza e lá por dentro fiquei, o resto foi por conta da prática que tinha adquirido na Argentina, onde tive livre acesso a reuniões de todos os tipos e matizes.

No segundo dia de ITAICI, já estava ajudando nas compras, ofereci-me como “padre desocupado” porque já tinha servido ao meu bispo e queria dar uma volta. Imediatamente, um dos cozinheiros pediu que eu desse uma chegada à cidade para uma pequena compra. Na volta, encontrei-me com o tal jovem, que me segurou pelo braço na escadaria. Ele queria entrar e havia proibição na portaria. Garantiu-me que, se chegasse a Dom Helder, que é louco por uma entrevista, não negaria nem que fosse uma palavrinha para uma matéria que ele teria que fechar naquela noite. E eu... de batina. Demos a volta por trás, pedi que o rapaz esperasse e, penetrando pelos corredores, encontrei Dom Helder, falei mansamente:

— Um jovem gostaria de falar um minutinho com o senhor.

— Sim, padre, mas... parece que...

— É um minuto.

— Onde ele está?

— Na cozinha.

Não deu outra. O rapaz obteve o que queria e desta vez na escadaria, em vez de me ajudar, o desgraçado quase me atrapalha em tudo.

— Aposentei a batina e estou indo para um almoço, uma feijoada, fui dizendo descontraído, rindo e dando tapinhas nas costas do repórter.

— Eu queria...

— Não, não... desta vez, não.

Consegui livrar-me do jovem até o dia em que ele me pegou no meio de uma correria entre polícia e estudantes no Largo São Francisco, eu no meio dos padres, agitando:

— Amigo, disse ele, para mim você é infiltrado... Você é alguma coisa, menos padre.

— Por quê?

— Porque já vi você com o Camacho, com Dom Paulo, com o Núncio, com Dom Zioni e agora correndo de porrada? Está muito estranho, dá-se com direita, esquerda, com todo mundo?

— Você acha?

Tive que evitar muitos lugares por causa desse repórter, consegui. Quanto ao Padre Camacho, fui além daquilo que precisava, o único problema foi que tive que fingir regresso imediato à Itália, quando ele cismou de me escalar para celebrar missas a que não poderia comparecer.

— Assim também já é demais!

CAPÍTULO XII



Padre Luigi Depaoli, o missionário xaveriano, faleceu no Estado do Paraná no início dos anos 80.

REENCONTRO COM MEU HERÓI

No início da década de 1970, não me lembro se 73 ou 74, fui checar um trabalho de um agente no Paraná e quando soube o nome do vigário da Paróquia, não acreditei, não era possível.

— O nome do vigário é Luigi Depaoli, um italiano como o senhor, só que meio doido.

— Por que doido? Perguntei, curioso.

— Ele não tem medo de encenar com o bispo, ele fala o que tem de falar.

Fiquei mais curioso ainda e resolvi ir até a Matriz, a cidade era Goio-Erê e ainda não tinha os asfaltos de hoje. Tempo chuvoso, um barro horrível e escorregando fui chegando à Igreja em construção. Estava lá um padre jovem, Pe. João, coadjutor, que não queria nada com nada, dormia até tarde e levantava para dar coice nos outros, assim diziam as empregadas e paroquianas.

Padre Luigi era o mesmo, alto, magro, do jeito que eu imaginava, porque sua família morava na vizinhança e vivia falando do herói que tinha ido para a China. Padre Xaveriano que tanto fez, tanto falou a verdade que nem a Congregação o suportou e, se não me engano, tornou-se padre diocesano, isto é, com obediência ao bispo...

— Mas ele não obedece ao bispo.

Por certo era o mesmo. Eu estava com 11 anos de idade, quando falavam do missionário de Trento que tinha ido para Pequim e ficou entre o fogo cerrado de Chiang-Kai-Chek e Mao-Tse-Tung. Dava catequese escondido, batizava chineses e, como padre não era profissão aceitável, para não morrer mentiu que era médico. Chegava a fazer operações, partos e tantas coisas mais que de esquina em esquina cada qual aumentava o quanto queria.

Fiquei muito feliz ao encontrar Luigi Depaoli. É claro, não falei do meu trabalho nem o que estava fazendo por lá. Relembramos um pouco a velha Itália, intimei a uma garrafa de vinho, conheci uma pequena congregação de moças que estava fundando para trabalhar com crianças no projeto S.O.S.. Era um projeto de manter crianças órfãs, cinco ou seis, morando numa casa como se fossem todos da mesma família.

Padre Luigi falou muito, desde a tal Aldeia S.O.S. até sua fuga para o Ocidente, em 1952. Assim, descrevia em sua autobiografia um dos seus momentos mais difíceis como “médico”:

... A segunda cirurgia, em que senti a mão de Deus, pois eu era pequeno demais para realizar o milagre, foi de forma bem diferente.

A polícia trouxe-me um velho que tinha que sarar. “Ou ele SARA ou você morre!”

Estranha atitude, mas “compreensível”, já que, quando se fazia assim, era porque o doente tinha influência, era algum militante tido como imprescindível. O governo determinava se tinha que ser salvo ou não! Aquele que me apresentavam tinha que sair com vida de qualquer forma.

Tremi quando vi o rosto do senhor idoso. Havia uma carne esponjosa cobrindo-lhe os olhos. Era mais ou menos como se virássemos a pessoa pelo avesso. Perdoem-me a franqueza, mas com toda caridade que procurei ter, mal podia olhar fixamente para aquela “coisa”.

As lágrimas escorriam incessantemente como se o choro fosse constante.

As lágrimas e toda aquela coisa umedecida davam a pior aparência.

O chefe da polícia veio com o doente e, pegando-me pelo braço, disse, como uma ordem:

— Estrangeiro, tenha todo cuidado, coloque aí tudo que sabe, ele deve viver e viver enxergando...

Quando ele colocou aquela imposição “enxergando”, eu pensei: “Estou perdido!”

Antes de se retirar, o chefe da polícia bateu no meu ombro: “Cuidado para não sair um cadáver a mais daqui!”

Decidi operar no dia seguinte, ou melhor, decidiram por mim. Tentei ganhar tempo para ler, procurar, rezar, pensar o que fazer... Meu Deus, nunca tinha visto um negócio daqueles! Que fazer além de recorrer à fé?

Amanheceu o dia. Eu não havia dormido. Depois da reunião de doutrinação, que foi longa, fiquei meditando e, por minha fraqueza humana, não havia conseguido manter a calma que deveria. Estava excitado, preocupado.

Cedinho, o chefe da polícia lá estava com a “coisa” ao lado. O diretor do hospital e vários policiais iriam assistir à operação. Quando soube disso, tremi mais ainda. Considerei-me perdido.

Minha grande sorte era que, entre os comunistas chineses, a dor deve ser repelida. Eles suportam tudo em nome do ideal e oferecem como exemplo de fidelidade ao Partido. Os fracos são sempre castigados.

Peguei todos os remédios que tinha, matei o tempo que foi possível. Enfileirei os instrumentos em cima da mesa, ao lado da cama do doente. Não sabia o que fazer com aqueles vidrinhos e muito menos com o homem importante que até aquele instante não havia aberto a boca. Todos olhavam cada gesto. O silêncio era sepulcral e deixava-me mais nervoso. Os olhos deles seguiam cada movimento meu. Parecia que uma imensidão de pessoas me vigiava. Era como se a China toda penetrasse naquela sala mal iluminada para lançar o desafio:

“Agora vamos ver se seu diploma existe”.

Apertei o Pão consagrado em meu bolso, fingindo que estava procurando algo. Parei diante do coitado e, fingindo examinar, coloquei minha mente em Deus. Eu orava... Senti uma grande força... Desliguei-me da minha vida e nada mais teve importância a não ser o que faria. Peguei o bisturi e comecei a abrir. Saltavam coisas, pus, sei lá o quê. Uma imundice horrível, fétida, uma cena tenebrosa. Às vezes, eu até parava de respirar devido ao mau cheiro. Havia algo duro, eu cortava e vazava. Tudo em torno de mim era silêncio, suspense. Nem eu sabia a hora de parar, mas fazia questão de me deixar levar pelo Deus em quem acreditava. Não tinha noção da melhor coisa a ser feita. Apenas ia em frente, totalmente abandonado nas mãos de Deus. Suava e sentia o suor correr pelo corpo todo. Parava, limpava, continuava, e do chinês apenas sentia a respiração forte, ofegante e as contorções que, como comunista, ele deveria fazer para não gritar e assim dar exemplo a quem assistia. Os segundos eram séculos. Quando já havia revirado “aquilo” e esvaziado, limpei o mais que pude, passei remédios, sei lá quais, e iniciei a costura, entregando-me mais uma vez, talvez a derradeira vez, na mão do Cristo que a tudo assistia amparando-me de meu bolso.

Como se quisesse dar um apoio àquele doente infeliz, peguei em sua mão, mas não tive coragem nem de pedir desculpas, nem de consolar. Fiz um sinal para o levantarem e pedi

baixinho que o deixassem descansar bastante. Eu estaria à disposição.

Saí retendo os passos, mas desesperado para rezar. Quando me vi no pátio não consegui iniciar a oração. Caí em prantos num misto de tensão sufocada, de responsabilidade excessiva e de realidade brutal.

O tempo passou e, um dia, fui chamado. Pensei que era para o acerto de contas por causa da morte do homem importante...

Tirei-lhe os pontos e ele voltou a ser chefe dos chefes da cidade.

Minha fama cresceu e andou por longe. Um dos batizados chegou a brincar, dizendo: "Qualquer dia Mao-Tse-Tung aparece por aqui para uma condecoração!"

Comecei a usar com mais segurança meu bisturi, meu mercúrio, sulfa, metilene, bismuto, colírios de todo tipo e qualquer vidrinho que aparecesse... Devido ao sucesso, o governo passou a enviar muitos medicamentos americanos, não sei onde adquiridos ou conquistados. Começaram a vir ampolas e injeções. Ajudaram-me bastante.

Depois de certo tempo, eu já estava fazendo até partos. Na China, quem é bom em alguma coisa tem que ser bom em tudo... Mas, no fundo, era a necessidade que fazia com que eu fosse chamado.

A fé remove montanhas e doenças!

CAPÍTULO XIII



"A partir do segundo enfarte seu temperamento ficou inqualificável. E eu, babá de coronel..."

VOCÊ TEM CARA DE PADRE!

Nos quadros da Maçonaria P-2, na América do Sul, existe uma profunda diferença entre ser informante, agente e espião. O informante, quase em sua totalidade, é um subornado que sequer sabe que está prestando informação à P-2. Fomos confundidos mil vezes como polícia e como grupo de esquerda, como SNI — Serviço Nacional de Informações — e como curioso ou alguém que quer afetar outra pessoa por motivos próprios. O informante quer dinheiro, presente, um preço qualquer para dar um recado, uma informação ou tirar um xerox quase impossível.

O agente é um elemento que pertence à Maçonaria P-2, não interessa se voluntariamente ou envolvido. O agente colhe informações pagas ou gratuitas, forçadas ou espontâneas e entrega aos contatos. Dependendo do caso, da ação, os contatos são outros agentes mais qualificados, mais antigos e que repassam à cúpula. O agente qualificado, denominado “agequê”, quando em ação, passa diretamente à cúpula.

O espião é um elemento que goza da maior confiança possível e que está apto a desempenhar serviços de altos riscos, isto não quer dizer que todo seu trabalho seja assim, mas prepara-se com eficiência para obter sucesso naquilo que for determinado. Pode ser um faixa preta, um arrombador, um excelente atirador, um poliglota ou um italiano versátil como eu, modéstia à parte.

A cúpula é formada por aqueles que detêm o objetivo, em nosso caso o segredo do plano IMP. Não necessariamente o informante, o agente ou o espião sabe sobre o objetivo final; aliás, na maioria das vezes, realmente eles não sabem de nada, são coordenados, orientados e assim a segurança é bem maior.

* * *

— Precisamos de um padre.

— Você tem cara de padre, disse um maldito.

Todos apoiaram e assim fui enfiado num curso intensivo onde até celebrar missa aprendi, mas felizmente não precisei usar nenhuma vez esse conhecimento. Meu instrutor, numa das

ações conjuntas que fizemos, teve que desempenhar e com que categoria, com sermão (homilia) e tudo. Maravilhoso. O único apuro relacionado à celebração por que eu passei foi com o Padre Camacho, mas caí fora com rapidez incrível, tenho certeza de que não conseguiria enganar.

— Claro que não, encheria o cálice de vinho várias vezes, fazia gozação o amigo Marco, quando soube na Argentina.

* * *

No Brasil, eu fiz de tudo um pouco, tinha que ser no Brasil. . . terra de improviso. Cheguei à cúpula, mas a partir de 1970 comecei a sofrer uma opressão muito forte da minha sombra, o Dr. Cuoco, ou eu era sombra dele, sei lá. Nesse ano teve mais um enfarte e nem bem se recuperou voltou à ativa, porém com um gênio duro, quase impossível de se conviver. Nos outros anos em que convivemos, ele sempre fora quieto, objetivo, mas pelo menos tratável. A partir do segundo enfarte, seu temperamento ficou inqualificável, o ruim é que sempre fui alegre, brincalhão e comecei a castrar minhas atitudes, meus lances espontâneos. O médico cardiologista também da P-2, teve uma conversa comigo e abriu-se bastante, dizendo sobre os cuidados que eu deveria ter com ele: relacionamentos, remédios, prevenções, retornos ao consultório, etc. Quando insisti em saber por que o Dr. Cuoco não se aposentava, o médico foi obrigado a esticar a conversa e confessar que lhe disseram que a presença dele era imprescindível, por causa do momento militar que vivíamos. Também o orgulho indobrável de ser útil e ir até o fim no plano IMP, do qual 60% saíra de sua cabeça.

— Ele precisa aposentar. . . e para sempre.

— Não dá. Só para você ter idéia, houve um engano de informações e a Federal estourou uma reunião nossa. Se Cuoco não estivesse lá, nós teríamos sido presos como subversivos.

— E como ficou?

— Ficou como reunião maçônica.

— A tradicional?

— Claro, Grande Oriente e pronto, os homens engoliram porque um militar estava no meio. Com a folha corrida dele, quem o chamaria de amigo de Lamarca?

- Realmente, amigo do Lamarca seria difícil.
- Você imagina se a reunião fosse em Registro?

* * *

Na terra do improviso, eu tive que improvisar uma paciência que nenhum italiano tem, estive várias vezes para mandar o Cuoco ir tomar na primeira sílaba.

Confesso que a entrada do Neimar, em dezembro de 1970, me alegrou muito, tinha o temperamento de que eu gostava: alegre, gozador, tinha certeza de que formaríamos uma dupla ideal. Acontece que depois do enfarte fui obrigado a abandonar meus outros trabalhos, sendo chamado vez ou outra para aquilo de que eu gostava mais: a aventura, a espionagem, o risco de descobrir ou ser descoberto. Se não fosse por isso, juntava os picadinhos do diploma e recapitulava meus estudos de pediatria. Acontece que me transformaram em babá de coronel, só faltava dormir com o marmanjo. O pior era agüentar o mau humor diário, o perfeccionismo em tudo, em absolutamente tudo. No horário, então, nem parecia brasileiro, só faltava tocar corneta às cinco da manhã. Realmente, encheu o saco.

A partir de 1975, comecei a pensar em aplicar bem, mas muito bem meu dinheiro e não comentar mais com ninguém. Preparar-me para o dia da explosão.

- Da explosão?
- É di coglioni! (É do saco!).

Em 1980, eu já tinha o suficiente para formar uma P-1, sem poder, mas com dinheiro. Isso não quer dizer que não havia ganho bem desde a vinda para a Argentina, é que gastava muito, não tinha tanta preocupação. Em 1980, bem forrado, comecei a preparar minha esposa, logo estaríamos desaparecendo do mapa. Quem muito me incentivou foi o Neimar, sem que ele mesmo soubesse. Seu arrojo, a partir de 1972, em insistir em sair, provocou-me vergonha. Ele enfrentava o Dr. Cuoco, solapava informações maiores que tínhamos de ter por outras fontes, só não foi morto porque se projetou muito, alcançou um nível de sucesso dentro da Igreja Católica e seria arriscado fazer algo antes do final do Plano IMP. Apesar de tudo, pela sua visão de Brasil, pela diversidade de informações, devido a suas viagens, foi suportando, convivendo. Neimar não desistia de querer parar, teve uma conversa séria em 1985, quando eu já estava para

explodir também, aí vi que era hora. Perceberam minha ansiedade e um filho da puta em quem confiava, além de sumir com os dólares que eu o mandara deixar na Argentina, ainda me dedou com categoria. Bateram em minha mulher, aprontaram uma loucura, puseram fogo em meu carro. . . mas deixa para lá. Aqui estou eu. Vivo e sem ser babá do “homem de ferro”, o Dr. Cuoco. Livre e dizendo a frase milenar a minha esposa:

— Enfim sós!

CAPÍTULO XIV



"Como cinquenta por cento do clero no Brasil é estrangeiro, o sujeito vestiu batina, falou italiano e tendo a cara que tenho ninguém desconfia."

QUEM LHE DEU A SENHA?

As três últimas vezes em que usei batina até que foram interessantes e vale uma pequena narração para que se tenha idéia da desorganização da Igreja Católica, da bagunça generalizada de que qualquer PC de média inteligência já teria tirado muito mais frutos, além do que conseguiram com os dominicanos no Bairro das Perdizes - SP.

Numa das vezes, juntei-me a um pequeno grupo que estava a fim de descontar as ameaças e entregas que a T.F.P. — Tradição, Família e Propriedade — fazia da esquerda cristã. T.F.P., para quem não sabe, é uma sociedade civil, fundada por um fanático católico chamado Plínio Correa, que achou que a Congregação Mariana começou a ficar “muito para frente”, esquerdezante... Vejam só! Fundou uma congregação leiga católica tradicional, a tal ponto de considerar o Papa João XXIII subversivo e o Papa Paulo VI, um “vermelho de mão cheia”. Não aceitaram o Concílio Vaticano II... Para encurtar a história, estão no Concílio I, com missas em latim e tudo mais. Influenciaram tanto os retrógrados da Igreja que conseguiram apoio inicial de Dom Sigau, bispo de Diamantina-MG, e depois de Dom Castro Mayer, bispo de Campos-RJ, que foi considerado quase o Papa desse radicalismo idiota.

A T.F.P. tinha gente de prestígio dedurando, um jornalista chamado Tabosa, perdoem esquecer o nome completo, mas ainda hoje deve pertencer ao jornal “O Estado de São Paulo”, o Estadão. Era um que não deixava por menos, inclusive um jornal francês chegou a dizer que ele entregou os dominicanos e esteve presente à tortura do Frei Tito. Este frei, devido aos sofrimentos, ficou louco e suicidou-se depois de se sentir perseguido doentamente pelo Delegado Sérgio Paranhos Fleury. A esquerda católica queria dar um troco na T.F.P. e armou um ataque de surpresa no Bairro de Santa Cecília, numa rua perto da Rua Martin Francisco. Qualquer morador dali sabe que havia uma espécie de gruta ou vitrina de veneração fanática a Nossa Senhora e os Tefepistas ficavam ali se revezando. Fui a essa reunião vestido de padre, a primeira coisa que uma crioulinha doida fez foi dar-me um esporro e mandar-me tirar a batina.

— Pô, qual é a sua? Ainda de batina e nessa operação?

Tirei a batina no banheiro e voltei. A escurinha desconfiou de mim, chamou-me num canto.

— Quem lhe deu a senha?
— Eu vim pelo jornal “O São Paulo”, (jornal da Arquidiocese).

— E lá há gente que usa batina?

— Dom Helder usa e está na nossa.

— Realmente, eu tenho um pouco de preconceito. Sabe, a aparência...

— E eu não ando sempre assim, é que fui fazer um atendimento, encaminhamento de morto.

— O quê?

Percebi a mancada: em vez de falar encomendação, falei encaminhamento.

— É que sou italiano e mudo as palavras; lembrei-me, fui encomendar um cadáver e não deu tempo de tirar a batina.

A escurinha usava um nome não sei se de guerra: Raquel. Era uma esquerdinha convertida e dava muito trabalho para a ala direita. Ex-viciada em drogas e com uma coragem e determinação que impressionavam, se eu não tivesse tarimba espiã estaria ferrado na mão da Raquel. Quando senti o alívio de ter passado pela argüição, ela voltou de repente e perguntou na frente de todos:

— Qual seu contato no jornal “O São Paulo”?

Foi muito incisiva e por pouco não caio.

— Posso falar na frente de todos? Perguntei para ganhar tempo e inventar a resposta.

— Fale no meu ouvido, então.

Fui chegando a Raquel e o único nome que me veio à cabeça era de um padre hoje bispo, numa cidade do Rio de Janeiro, Valença. Lembrei-me do seu nome e ligação com o jornal.

— Padre Amauri...

— De quê?

— Só conheço como Amauri... Acho que é Castanho, sei lá, inclusive não é desta linha de ação, é mais para conservador, mas pediu que eu viesse para ajudar, orientar com a palavra de Deus...

— Meu amigo, acho que você está em lugar errado e o puto que deu a senha para o tal do Amauri precisa ser descoberto. Quem foi?

— Sei lá, só sei que fui escalado.

— Você recebeu e veio? Você pensa que vamos fazer uma reuniãozinha de leitura de evangelho, tirar mensagens, tomar um cafezinho e voltar para casa de cabeça satisfeita?

— Não, eu vim para o que der e vier, disse eu.

— Se você é amigo do Amauri, você não vai topar. Isto aqui não é reuniãozinha de cursilista, encontrista e o cacete. Aqui não há o papo de ler a palavra de Deus e deixar o povo na mão do demônio. Aqui é ação.

Um seminarista redentorista apaziguou e comprometeu-me inteiramente, entrou na conversa:

— Raquel, o cara já está aqui, a ação não dá para cancelar, os “molotovs” estão prontos e os horários, carros, tudo em cima...

Só não arregalei os olhos porque na P-2 eu já havia passado de tudo um pouco. “Porra, “molotov” é uma bomba tipo caseira, o negócio vai ser foda.” Pensei e calei.

— Você dirige?

— Dirijo e muito bem, fui contando um pouco de papo.

Raquel jogou uma chave na minha mão.

— O fusca fica com você, agora vamos aos detalhes...

Eu fui a essa reunião, cumprindo mais um passo do plano IMP. Fui pensando uma coisa e era outra; pensei que só teríamos seminaristas e redentoristas da turma que ficava no casarão da Via Raposo Tavares, o qual depois venderam para a Febem. A informação que o Dr. Cuoco recebera era sobre uma reunião de seminaristas que iriam fazer uma rebelião na Congregação. Havia alguns padres de outras congregações e até diocesanos que apoiariam, decorei mil formas de participação e fui pego de surpresa porque não era nada daquilo que pensávamos. Graças à prática na espionagem, saí-me a contento. Dirigi o fusca e era o terceiro dos quatro carros, não saí do volante, enquanto os treze participantes da ação desceram dos carros com pau, cacete de borracha e “molotovs”. Em três minutos, distribuíram porrada a torto e a direito nuns sete ou oito tefepistas e explodiram o local da veneração fanática onde nasciam os contatos para dedurar a outra ala da Igreja.

* * *

Usei batina também e pela penúltima vez acompanhando um cordão de puxa-sacos na cidade de Lagarto-SE. A Igreja Matriz

completava não sei se trezentos ou quatrocentos anos, um padre italiano de nome Mário aprontou uma festa digna de cidade grande. Foi tal a repercussão que até os bilhetes de Loteria Federal tinham a foto da Igreja naquela semana, numa homenagem pela tradição cristã no Nordeste e no Brasil.

O Núncio Apostólico, Dom Cármine Rocco, fora convidado e foi lamentável sua chegada à cidade. Lugarejo paupérrimo e o representante do Papa e do pescador Pedro chegou de Landau, um tremendo carrão com motorista particular e toda pompa, só faltando clarins. Ele estava no banco de trás, olhando a pobreza com olhar de superioridade, como turista americano numa favela da Vila Prudente ou como um russo no Harlen. Dom Cármine Rocco olhava a pobreza que vinha às calçadas ver aquele tipo de carro que nunca passara por Lagarto, gente de pé no chão, humilhada, esfomeada, vendo chegar a autoridade da Santa Madre Igreja, como dizia um amigo meu.

Padre Ambrósio estava no cordão dos puxa-sacos. Padre Ambrósio era eu mesmo. Como cinqüenta por cento do clero no Brasil é estrangeiro, o sujeito vestiu batina, falou italiano e, tendo a cara que tenho, ninguém desconfiou. Lá estava eu porque precisava ter um minutinho com o Núncio que, no meio de tanta gente, ouvindo o sotaque, daria mais atenção, ainda mais sobre o assunto: dinheiro. Uma doação chegaria ao Brasil por intermédio dele e queríamos interceptar; se tivéssemos data e local, o esquema ficaria pronto. Quando é dinheiro que entra na moita, não há para quem reclamar, fizemos muito disso. Desta vez, a ousadia era maior porque vinha por intermédio do Núncio, ele logicamente teria a fatia competente ao cargo. Estava difícil de criar a situação, mas batina vai, batina vem, eu o chamei para atender o telefone. Não havia ninguém do outro lado, era uma desculpa para eu poder sussurrar ao Núncio:

— Eu pertenço à diocese da Obra Pio XI, o bispo pediu que o senhor me dissesse o dia da retirada.

Não deu outra, a informação veio rápida. Tínhamos interceptado essa negociata e a resposta satisfazia plenamente. Consegui cumprir meu papel direitinho, só que a quantia veio em marco. Quando sobrou no cofre a que tivemos acesso ilegal, já tinha sido “partilhado” entre meia dúzia de intermediários, quase nem valeu a pena.

* * *

Sobre a última vez em que vesti batina não posso dar muitos detalhes, foi em Aparecida do Norte, na vinda do Papa ao Brasil, por questão de segurança os detalhes ficam com a poeira do tempo. Ah! Houve uma outra vez em que “quase” vesti a batina, um dia antes de aposentá-la dei muita risada com minha mulher.

— Francesco, disse-me séria, vista a batina.

— Vestir a batina?

— É.

— Aqui em casa?

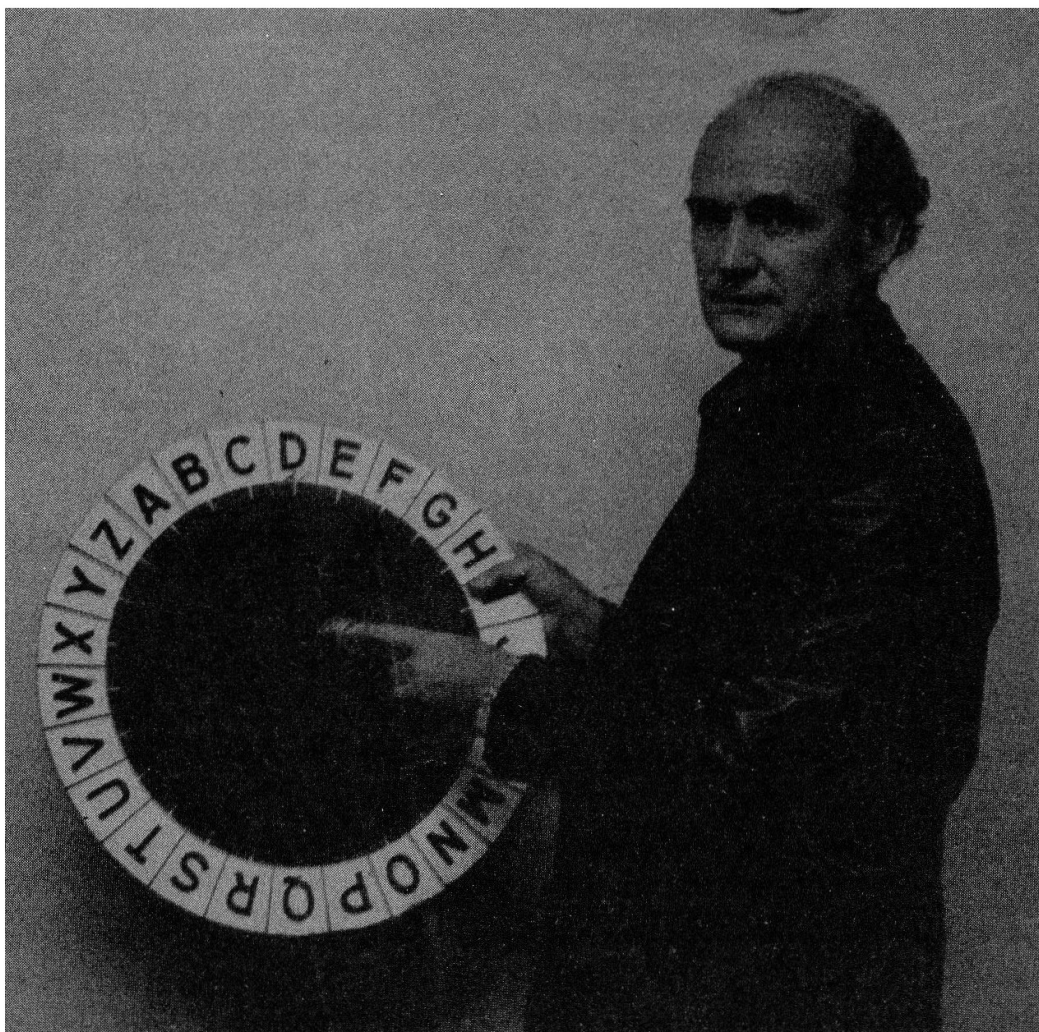
— Mas está na hora de irmos dormir.

— Pois é, queria ir para a cama com o Padre Francesco, porque você, como leigo, está me desprezando bastante.

— Maledetta! Maledetta!

A brincadeira provocou riso, porém notei que ela tinha um pouco de razão, o marido estava relaxando no carinho do dia-a-dia. Naquela noite, não pus nem a batina nem o pijama...

CAPÍTULO XV



Padre Quevedo, assim como Leonardo Boff ou Hans Kung sofreram interrogatórios da "Inquisição moderna". O falso padre da Maçonaria P-2 é treinado para suportar com tranquilidade qualquer investida dos discípulos de Ratzinger.

UM VIVO FINGINDO-SE DE BOBO.

Em 1977, houve uma reunião da cúpula das setoriais do país todo e tivemos entre nós sete elementos que vieram de fora: um americano, um argentino, um alemão e quatro italianos. Havia tradutor até para o argentino, o que achei um exagero, mas era devido aos detalhes de tudo que seria exposto. Não bastava ter idéia geral, tínhamos um vocabulário próprio. Além disso, havia os momentos certos para dirimir dúvidas; para ganhar tempo, o próprio tradutor preparava a pergunta, isto é, retocava a idéia da pergunta para que tudo ficasse bem explícito.

A reunião, para não chamar atenção da polícia, foi num Estabelecimento. Aos olhos do dono do Hotel de Poços de Caldas, a impressão era de um Congresso: Diretoria de uma multinacional preparando algum lançamento. Que preparação! Todo cuidado possível, até mesmo detecção de microfones, gravadores, etc. A reunião era secretíssima e o assunto era o auge do plano IMP. Nesse dia, notei o prestígio do Dr. Cuoco, quando foi chamado para compor a mesa; foi o segundo após os que tinham vindo de fora do Brasil. Deu para entender um pouco o porquê do seu não afastamento até o segundo enfarte.

Mesmo sendo quase sombra do Dr. Cuoco, muita coisa não chegava às minhas mãos ou ouvidos. Ele tinha também certos contatos que me proibiam de ver seus rostos e até suas marcas de carro, já que eu levava o Dr. Cuoco até a proximidade de alguns encontros e não participava de absolutamente nada. Fico imaginando a necessidade de manter em sigilo certos nomes, autoridades e figuras que deveriam ser públicas demais para que uma pessoa como eu, fosse privada de um café ou um drink de recepção. Não posso dizer que não senti muita curiosidade, mas resolvi não dar corda a ela, principalmente depois que começou a bater em mim a vontade de deixar a Maçonaria P-2, com suas lentes e lupas, porque me coçava o desejo de dar um tempo a minha cabeça, que às vezes até zunia de agitações, apreensões... A leitura de Alexis Carrel, misturada com Dr. Raymond, estava me fundindo a cuca sobre o tema vida e morte.

O encontro de 1977 era para definir a ordenação de falsos padres na Igreja Católica Apostólica Romana; apesar de escrever "falsos" não é o termo correto, já que eles cumpririam com aquilo que a Igreja pede, que são os estudos. Como a fé não se

mede por termômetro e como seriam treinados, o "comportamento" dos elementos do P-2 seria idêntico aos outros.

Em um dia e meio, conseguimos liquidar as pequenas questões que estavam mais ligadas à fidelidade do futuro padre, tendo o Dr. Cuoco citado o caso de um elemento que estava se rebelando porque chegara a uma conversão (seria o caso do Neimar) quanto a um padre da P-2 ordenado, o caso seria mais sério ainda.

A experiência de Neimar de Barros pregando, viajando, principalmente no primeiro ano de P-2, antes de se converter, abriu caminho para compreender-se que seria possível uma estranha convivência dentro da Igreja Católica, pois Neimar, mesmo após a tal conversão conviveu sem nunca aceitar certos dogmas, certas imposições e uma doutrina de obediência cega à hierarquia. Mesmo assim, convertido ou não, pensando em fazer o bem ou não, ficou lá dentro. Por que não se testar um indivíduo que estuda o que não lhe interessa tanto? (Pergunte aos estudantes se eles concordam com todas as lições ou matérias que lhes dão nas escolas ou faculdades). Formar elementos não católicos que estudassem, que fizessem filosofia e teologia, já que a Igreja estava tão desesperada por sacerdotes e não olhava tanto para uma análise vocacional. A Igreja empenhava-se pelo sim de qualquer um que quisesse chegar ao sacerdócio. Por essa fresta, pelo princípio básico deixado por Neimar, o trabalho se desenvolveu sem que ele mesmo soubesse, e na grande reunião já tínhamos em mãos números suficientes de candidatos ao clero.

As setoriais debruçavam-se em cima dos detalhes e há algum tempo tinham chegado à conclusão de que deveriam levantar nomes de jovens que JÁ HAVIAM ENTRADO EM SEMINÁRIO e saído. Por quê? Porque tinham idéia de como era o ambiente, o dia-a-dia, isto é, estavam vacinados pela rotina. O trabalho de seleção desse pessoal foi meticuloso e confesso que só recebi um deles, um dos onze iniciais, para fornecer mais dados e transmitir algumas experiências de que precisaria. Trabalhei três meses com um deles, os outros foram-se formando pelas outras setoriais, mas sempre da mesma forma.

O encontro de 1977 foi muito importante e abriu a comporta com tudo que fosse necessário para o sucesso do plano IMP. O pessoal da P-2, mais experiente, ficou encarregado de contatar os ex-seminaristas e foi um longo trabalho em que as desculpas para aproximação eram infundáveis, olhando-se cada caso em especial, tendo até um dos nossos ido morar numa república,

para conviver com o rapaz. Aquele que se aproximava só entrava no assunto do retorno ao seminário ou estudo para o sacerdócio (porque hoje em dia não é necessário estar em seminário para ordenar, pode-se morar fora, às vezes numa paróquia ou até em casa mesmo)... Só entrava no assunto depois de longo tempo. As prioridades eram amizade, analisar o elemento por completo e ainda... TENTAR AMARRÁ-LO a um empresário, arrumando emprego para o candidato numa firma de alguém ligado à P-2. Daí para a frente ficavam mais fáceis o contato e as chances de fazê-lo crescer financeiramente, enfim, mostrar como o dinheiro poderia vir mais depressa até chegar-se à confiança absoluta.

O elemento que caiu nas minhas mãos era gerente de um supermercado, eu mesmo, quando o vi, não dei voto a favor, achei que não teria vivacidade suficiente para sair de um interrogatório daqueles... daqueles que a gente pensa que só existia na Inquisição. O Boff, o Quevedo, o Kung sabem... o velho Telhard Chardin nem se fala, deve ter morrido ouvindo as perguntas bafejadas pela Santa Congregação.

Quando vi o jovem à minha frente não pus muita fé, passamos três meses durante os quais ele me trazia novidades de lá e eu rebatia com as respostas de cá. Com o mapeamento que tínhamos, sabíamos perfeitamente onde ele poderia se instalar melhor e semanalmente eu preparava uma bateria de perguntas para tentar pegá-lo em contradições. Tive que dar a mão à palmatória, poderia até ter jeito abestalhado, mas a calma, a pureza e a inocência das respostas eram de rir ou indignar, se alguém soubesse a verdade.

Cheguei até à conclusão de que ele nascera para ser padre, o que não se deu, porque a cabeça evoluiu muito para aceitar o quadrado que lhe queriam impor. Saiu do seminário e voltou por nós, um vivo fingindo-se de bobo. Hoje, eu poderia convidar o indefectível Ratzinger com toda sua argúcia para colocar meu pupilo no banco dos réus. Coçaria a cabeça como todo bom mineiro e responderia a questão por questão sem pressa, sem perder a tranquilidade, enquanto sua cabeça estaria pensando na quantia que é depositada mensalmente em uma conta que ele sabe que é sua. Essa quantia para a P-2 não é nada, pois vem da teia formada com empresários. Além disso, os próprios padres falsos ou não (a seu gosto julgue) se encaminharão e trarão lucros suficientes para manter o trabalho, enfraquecer a Igreja e ainda ajudar a P-2 em outras empreitadas, porque a coisa não pára por aí.

CAPÍTULO XVI



Eu compararia Carlos a interpretação magnífica de Renata Sorrah na peça "Afinal..." Eu bati palmas...

O IMPEGÁVEL

Os principais treinamentos que fizemos com o futuro padre entregue a nossa setorial foi num dos bairros mais ricos de São Paulo. Quem ainda não ouviu falar no Bairro do Morumbi?

Lembro-me bem, mansão daquelas de novo rico onde você encontra de tudo um pouco, aquilo que o brasileiro chama de chic e de cafona juntos. Coisas de novo rico. O decorador quase arrancava os cabelos quando o proprietário ou sua esposa resolvía enfeitar ou complementar o que ele projetara.

Ficamos numa casa do Morumbi e nesses dias eu ficava livre do enfartado, o chato de galocha, o manda-chuva, o filho da puta do coronel que eu só não cito o nome verdadeiro porque ele até tiraria dinheiro da Suíça para me localizar, e assim, ele fica puto mas me deixa em paz. Fiquei livre da minha sombra, com a experiência que tinha fui passando ao Carlos para que se chegasse ao cúmulo de ser testado até no Vaticano, sairia a contento. Sairia melhor que o Boff.

É pena que a Imprensa não tenha tido acesso aos minutos e as horas que Leonardo Boff passou no encaminhamento para a Congregação da Fé. A sacanagem é alta e só resiste, só enfrenta com altivez se houver treinamento, do contrário não se suporta e se dá para trás como até o Boff deu. Vocês devem ter lido a cartinha de obediência cega que ele transmitiu à força após o julgamento, dizendo que se preciso fosse se calaria porque a Igreja precisava continuar. Com todas suas conclusões, com todas suas provas, com todos seus seguidores, com toda VERDADE rolando e sendo manchete no mundo inteiro, ele deu para trás, dizia o Carlos: "Mijou diferente!" Porque a pressão Vaticana não é qualquer um que suporta. Os que treinamos suportam.

Atenção imprensa que trabalha mais no "gillete" press, do que "in loco", do que espionar esgôto...e é preciso!

Leonardo Boff quando chegou ao Vaticano foi levado a uma sala da Congregação da Inquisição, isto é, da Fé, e um monsenhor filho do demônio pediu que ele esperasse um pouco. Essa demora chegou a duas horas, ele só, sala vazia, sem leitura sem nada, nenhuma mesinha com revistas ou jornais, nenhuma TV, nada.

Leonardo tinha uma pasta com sua defesa, uma defesa daquelas de dizer, "disse mas não disse", "não foi bem assim" etc. Defesa que Dom Pedro Casaldáliga nunca faria porque é

totalmente doido para deixar o sangue ferver e provocar uma cisão na Igreja, por isso ninguém no Vaticano tem coragem de chamá-lo, além do que o escândalo seria maior pelo fato de ser bispo. Basta a cisão internacional de Lutero e a cisão nacional, tupiniquim como dizem vocês, do Bispo de Maura, fundando a Igreja Católica Brasileira onde até Padre Cícero é santo cano-nizado.

Leonardo Boff, foi levado à várias salas diferentes onde era “convidado” a esperar sua hora. Na segunda disseram que era para começar a pensar nas suas teorias, talvez fazendo isso dentro do Vaticano o Espírito Santo o inspiraria mais para uma reconciliação com a “verdade” milenar, com a infalibilidade da doutrina, dos dogmas e do Papa que são questionados em alguns dos seus livros.

Resumindo, o jovem frei, o jovem teólogo, foi por fim levado para um grande salão inteiramente vazio, no centro uma cadeira onde ele foi convidado a sentar e mais uma vez meditar e orar. Nosso franciscano não entendendo ainda onde queriam chegar com tanta cerimônia, tanta espera, quase explodiu exigindo que comparecessem para ouvi-lo:

- Não meu caro, você é quem vai ouvir.
- E por que tanta demora?
- O mundo não foi feito num só dia...
- Mas o meu caso é público, lá fora tem repórteres a es...
- Aqui está o Espírito Santo a espera.

Leonardo Boff explodindo, o que não é comum:

- Onde? onde?
- Onde o que Frei Boff?
- Onde está o Espírito Santo?
- Ah! então quer dizer que está até tentando o Senhor seu Deus querendo ver o invisível?
- Eu não estou tentando nada.
- E por que disse?
- Eu falei onde porque... esqueça!
- É melhor. Aguarde mais um pouco.
- Como mais um pouco. Há seis horas que eu só mudo de ambiente.
- Você tem que mudar de idéia.
- Não se muda de idéia mudando de ambiente.
- Você está tendo chance de pensar.
- Já pensei tudo que tinha...
- Orou?
- Orei.

- Meditou?
- Meditei.
- E como está?
- Estou irritado.
- Está vendo?
- Vendo o quê?
- Nem suas orações e meditações fazem mais efeito.
- Damos a oportunidade para uma reconciliação consigo mesmo e... tudo sem efeito.
- Eu quero me defender. Eu vim me defender.
- Você veio ouvir.
- Eu vim falar.
- Você já falou através das heresias escritas e publicadas.
- Publicadas por uma Editora Católica.
- Que se diz católica. A Editora Vozes está em entendimento até com pornografias de tal...
- Que tal?
- Não sei direito o nome... Chupli...
- Chupli???
- Sim, uma sexóloga, existe isso no Brasil, não?
- Sexóloga? Ora, isso existe em todo mundo. Onde existe sexo existe sexóloga.
- Realmente você é incorrigível. Acha natural uma sexóloga na Editora Católica?
- Ela, ela... Chupli?
- Não sei a pronúncia em português.
- Leonardo Boff lembrou-se:
- Suplicy? Marta Suplicy?
- Isso, vocês contrataram uma "pornógrafa".
- Perdão, mas a edição será da autora.
- Pior ainda.
- Por que?
- Vendem-se.
- E aqui não?
- Ofensas aqui dentro, senhor Boff?
- Nada disso, eu preciso mesmo é mostrar minha defesa.
- Conhecemos com quem você veio.
- Algo contra Dom Arn's?
- Aliás seu professor.
- Sim meu professor, também franciscano.
- Mesma Escola de pensamento?
- Isto é uma argüição oficial?

- Não, eu sou apenas um simples padre-encaminhador.
- O que é isso?
- Encaminho. Levo ou trago as pessoas aqui dentro deste Departamento.
- Então por que tanta provocação? tanta pergunta?
- É que...
- É que o quê? irritou-se mais Leonardo Boff.
- É que você pareceu sentir-se tão só.
- Claro, estão me colocando daqui para lá há horas.
- Não exagere.
- Como exagero? quase seis horas, não vim do Brasil para conhecer este interior.
- Você veio do Brasil para algo mais sério.
- Então que me permitam defesa.
- Que defesa?
- Explicar tudo.
- Suas explicações são desnecessárias: Frei Boaventura, Dom Salles, Dom Scherer já fizeram tão bem.
- E por que não ouviram Dom Arn's, Dom Aloisio?
- Opções.
- Opções??? Olha, não quero mais conversa, quero ser atendido por Dom Ratzinger ou alguém da Congregação.
- Eu sou da Congregação.
- Digo do escalão...
- Que escalão?

Frei Leonardo Boff apesar de ser um estudioso da história da Igreja, apesar de ser teólogo ousado não conhecia absolutamente nada de psicologia vaticaniana. Desde a Inquisição que se pratica o "jogo da espera", deixar o acusado irritado, o mais nervoso possível para que sua defesa caia no emocional, venha acompanhado de ofensas, voz alta e perca a razão facilmente.

Frei Leonardo Boff conhecia tudo de teologia e não conhecia nada de mecanismo extra-julgamento.

— Estou pronto para me defender oralmente ou se for o caso tenho esta pasta e posso deixar aqui.

— Você não vai falar e não vai deixar nada, aguarde mais um pouco.

O padre saiu e o famoso teólogo brasileiro ficou mais duas horas naquele enorme salão. Levantou-se e em vão tentou abrir a porta de saída, estava trancada. Não tinha nem sequer um móvel para que na raiva desse um murro. Notou apenas uma mesinha num dos cantos e os indefectíveis alimentos sobejamente servidos por freiras em qualquer visita: chá e bolacha.

Depois de muito esperar, a grande porta se abriu e Ratzinger entrando dirigiu-se a Boff que andava de um lado para o outro:

- A comissão decidiu...
- Como decidiu? ninguém falou comigo.
- Nós não chamamos você aqui para falar, mas para ouvir a decisão da Congregação.
- Poderiam mandar um telegrama, um aviso...
- Não damos aviso, damos soluções.
- Eu não me defendi.
- Aquilo que você escreveu é o que pensa?
- Sim, mas...
- Frei Leonardo Boff, a comissão decidiu que você ficará em silêncio obsequioso.
- Silêncio obsequioso?
- Não me diga que não sabe o que é isso?
- Claro que sei.
- O que é, então?
- Terei que ficar calado...
- Sim, calado.
- Mas é um absurdo!
- Cuidado com outras heresias, pense antes de falar.
- É um absurdo, eu não me defendi.
- A defesa do sacerdote é a sua vida.
- Deixe-me expor minha vida.
- Você já expôs, já foi traduzida para mais de vinte idiomas.

— Eu preciso...

Ratzinger friamente conduziu-o até a porta:

— Um representante da comissão dará outros detalhes.

Um dos nossos agentes sugou tudo isso de alguns elementos que tiveram acesso ao Frei Leonardo Boff, mais a junção feita a língua solta de alguns encaminhadores que se sentem importantes, já que jamais chegarão a bispo... Eis aí!

* * *

Ficamos numa casa ou melhor, numa mansão do Morumbi e ali treinamos nosso futuro padre em tudo que vocês possam imaginar. Só de celebração e pregação tivemos umas trinta. As homilias variavam na defesa ou ataque à Teologia de Libertação. O candidato teria que estar preparado para atuar numa diocese conservadora ou progressista, sua fala, seu discurso,

precisava ser convincente para qualquer ala. Seu conhecimento absoluto, ser versátil.

Num dos intervalos eu tive que confessar a André, um burocrata da P-2, antigo no trabalho e que hoje está comigo na Argentina:

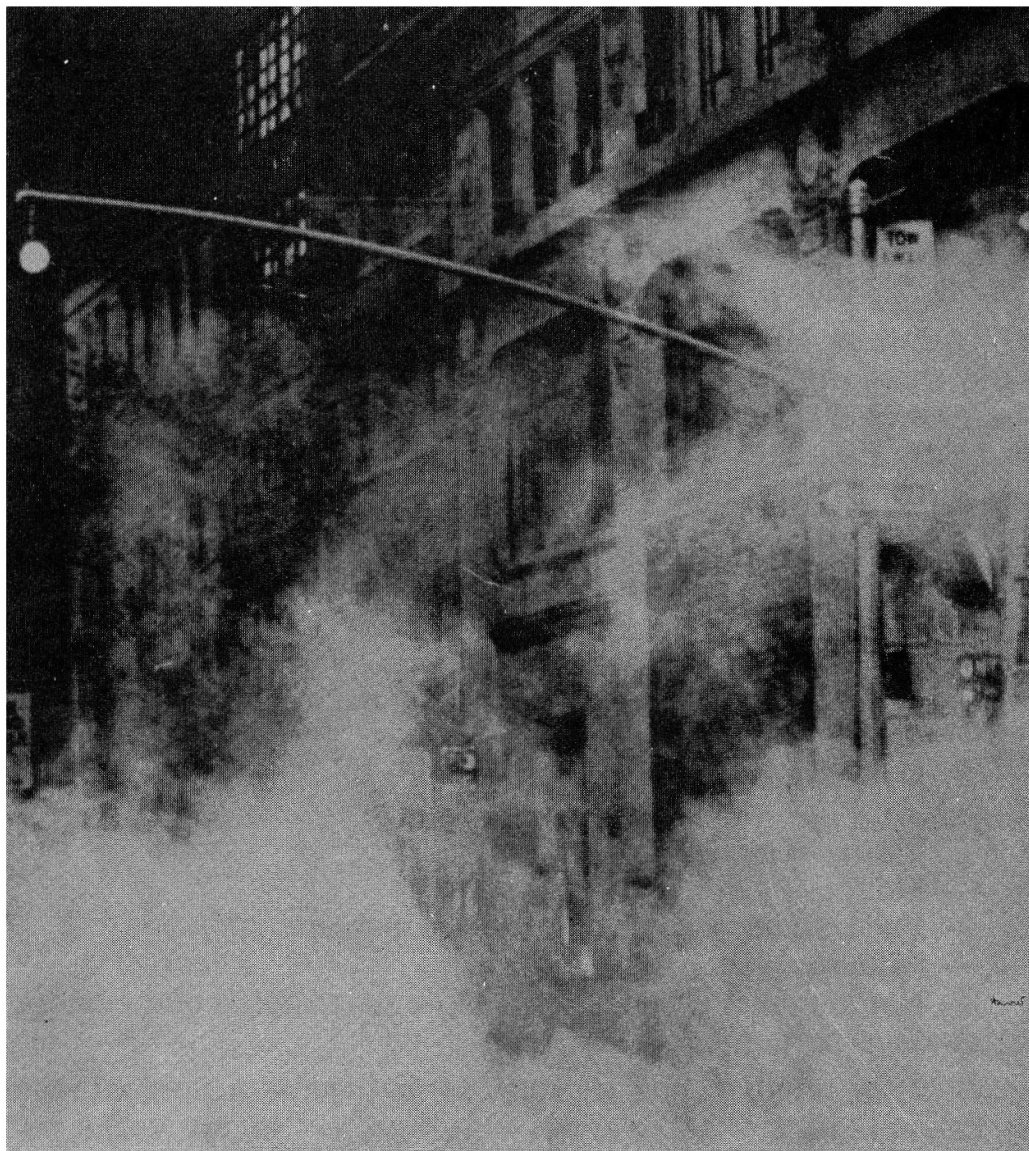
— Carlos é imPEGÁVEL, tem jeitão de QI baixo mas engana lá em cima.

Se um dia por um azar qualquer chegarem a levá-lo a Congregação da Fé tenho certeza que ele tirará de letra, como dizem os brasileiros. A frieza deste discípulo chegou a me fazer interromper um interrogatório e bater palmas. Quem me lê neste instante vai dizer: É teatro? Respondo: É, e de qualidade!

Eu compararia Carlos a interpretação magnífica de Renata Sorrah na peça “Afinal...”, não me lembro, havia um complemento no nome da peça, era também com Ney Latorraca fazendo quatro papéis. Renata Sorrah também me fez ficar boquiaberto aplaudindo, mas ela é atriz profissional, meu púpilo não... ou melhor, é, e muito profissional. Fiz questão até de fazer uma mesa redonda com bombardeamento de perguntas sem que ele soubesse uma sequer, com assuntos diferentes, com vai e vem de temas que deixaria qualquer um embasbacado. O pupilo apenas tinha gestos vagarosos e com tudo de idiota respondia o necessário para convencer que a bestificação da obediência absoluta estava presente.

Se a Igreja tivesse padres assim, seria bem diferente, digo assim, sinceramente.

CAPÍTULO XVII



Quatro dias depois do meu sossêgo merecido, comprei meu jornal para a leitura habitual e vi na primeira página a notícia de um incêndio...

O INCÊNDIO

Nós fomos parar na mansão do Morumbi porque o milionário estava apavorado com a P-2 depois de um acerto de contas que considero o mais violento havido até hoje.

A Organização havia ajudado o cidadão a explodir financeiramente no ramo em que estava através do tráfego de influência. Conquistas fantásticas que mais pareciam histórias da carochinha. Tudo isso graças a gente lá de cima, civis e militares, que abriam as portas para que os negócios fossem feitos e em verdade a P-2 levou também grande vantagem:

— Bom retorno, dizia Dr. Cuoco.

A bem da verdade não era bom retorno, era ótimo, era excelente. O homem explodiu e a porcentagem que passou a pagar mensalmente a P-2 dava praticamente para sustentá-la, o resto era lucro e mais lucro. De uma firma o cidadão passou a ter duas, três e com certeza perdeu a conta do crescimento.

Dizem as boas e más línguas que emprestar dinheiro para pobre é uma merda porque depois para receber é difícil. Foi o que aconteceu. Empréstou-se não propriamente dinheiro, mas condições de subir, o elemento de pobre tornou-se milionário e quis quebrar o trato quando se sentiu por cima:

— Porcentagem só pagarei da firma inicial.

— Nada disso, o trato é de toda e qualquer firma que você venha a abrir.

— Não temos contrato sobre isso.

— Nós nunca fazemos contrato de nada.

— Vocês erram nesse ponto.

— Nós não erramos em nada.

— Não?

— Máfia é máfia.

— Má...

— Você sempre soube. Palavra é palavra.

— Palavras são palavras...

— Nós temos a herança italiana de uma região que cumpre, queremos a porcentagem de tudo.

Durante muitos anos o empresário pagava a porcentagem contra vontade. A P-2 sabia que ele enganava tantas vezes nos totais e balanços apresentados. A cúpula chamava atenção, mostrava que não era iniciante, mostrava a experiência internacional e que não gostaria de usar métodos violentos.

A convivência com o empresário nunca foi dos melhores desde o crescimento incomum que este teve. Quanto mais enriquecia e tinha prestígio junto às autoridades mais se sentia seguro para tentar sabotar o trato inicial. Era cumprido meio na pressão.

No começo dos anos 70 o empresário cismou de engrossar e engrossar feio:

- Vou deixar de pagar o correspondente às outras firmas.
- Não faça isso, disse Dr. Cuoco, na minha frente.
- Vocês não tem direito.
- Temos.
- Foi conquista minha, sozinho, particular.
- Ninguém conquista nada sozinho.
- Eu conquistei.
- Não conquistou porque teve um começo.
- Só precisei no começo.
- E se não houvesse o começo você não chegaria onde chegou.

— Quer saber de uma coisa, disse o empresário, vocês não me amedrontam mais, eu também já tenho gente grossa lá em cima tanto quanto vocês.

- Nós somos uma Organização.
- Eu sou uma Organização.
- A sua organização é uma firma.
- E o que tem...
- Nós somos mais que firma.
- Mais???
- Muito mais.
- Vocês não vão mais me subornar.
- Cuidado com os termos.
- Se você é coronel eu conheço generais.
- O problema aqui não é quem é mais no exército.
- Eu posso com vocês.
- Cuidado com desafios.
- Eu denuncio vocês.
- Ninguém acreditará em P-2 no Brasil, disse Cuoco, este país é uma droga tão grande que ninguém acreditaria que a P-2 perderia tempo...

— Tenho que ir e fica questão fechada, paro de pagar o correspondente às outras firmas.

- Se você fizer isso pagará mais caro.
- Como?
- Não sei, disse Cuoco, temos gente que pensa sem coração.

— Você vão me seqüestrar?
— Não sei, acho que não.
— Vão me matar?
— Acho que não.
— Vão o quê?
— Levarei sua decisão à cúpula e ela decide, só uma coisa...

— O quê?
— Nunca ninguém levou vantagem sobre a P-2.
— Não se esqueça que eu sou amigo de gente maior que aqueles que...

— Que aqueles que...? Que o quê?
— Chega!

Dr. Cuoco fechou a cara mais que o normal, e olha que o normal dele já é horrível. Fomos embora. Fiquei na Av. Angélica e ele pegou a direção do carro. Disse que iria marcar uma reunião extraordinária com a chefia suprema. Vi que o negócio iria ferver e ferveu mesmo.

— Francesco, você terá umas férias de cinco dias.
— Por que Dr. Cuoco?
— É a reunião que vou promover.
— Será que vai ser necessária?
— Claro.
— Acho que ele voltará atrás.
— Penso que não, desta vez está confiante.
— Por que desta vez confiante?
— Penso que ganhou algumas amizades fortes, disse Dr.

Cuoco.

— E isso...
— Isso está encorajando a nos enfrentar.
— O que o senhor acha que vai dar?
— Não sei, o pior é que a ordem é não chegar aos métodos europeus, pelo jeito vamos ter que apelar.

— Mortes?
— Não sei. Acredito que não.
— O quê?
— Não sei, porra!

Difícilmente Dr. Cuoco falava um palavrão, quando saía era porque a situação estava brava, muito mais que se poderia imaginar. Tornei a insistir:

— Seqüestro?
— Impossível.
— Por quê?

— Polícia, imprensa, etc. Somos fortes mas não queremos publicidade, anonimato é a melhor solução.

— Como intimidar?... O homem está confiante.

— Tem costas quentes.

— Será que ele se abriu com alguém lá em cima?

— Não, tenho certeza que não, mas acredita que pode pedir socorro, sei lá, pode... não sei.

— Que faremos?

— Você nada, férias... cinco dias, está bom?

— Ótimo.

— Eu faço contato.

— Para onde vou?

— Guarujá.

— OK.

Peguei minha esposa e fui embora no dia seguinte. Minha esposa em vez de ficar feliz com a praia, ficava enchendo o saco:

— E como???

Eu disfarçava e ia queimando meu corpo, minha careca e “toma praia” de manhã, de tarde e a noite restaurante e cama.

* * *

Quatro dias depois do meu sossêgo merecido comprei meu jornal para a leitura habitual e vi na primeira página a notícia de um incêndio, “por incrível” que pareça numa das firmas do corajoso homem que desafiava a P-2. À noite um telefonema e assim lá estava eu de volta a São Paulo com minha mulher reclamando o quinto dia prometido.

* * *

Encurtando o “papo”:

— Caro amigo, você prefere voltar a pagar o “dízimo” correto da P-2 ou prefere uma surpresa de vez em quando?

— Canalhas! Disse o empresário pelo telefone.

— Levantamos dados onde o seu seguro era mais fraco por isso o fogo foi lá.

O empresário voltou às boas com a P-2 e garanto que não perdeu nada, ao contrário, está cada vez mais rico e passou a não enganar mais nem nos balanços:

— Aposto como temos dados mais certos que o governo, dizia Cuoco.

O gênio do fogo foi o eletricitista que devo ter citado em algum lugar deste livro.

Quando precisamos de uma casa para fazermos o treinamento o ex-grande desafiante da P-2 ofereceu sua mansão, estava de viagem marcada para o exterior e poderíamos ficar mais a vontade onde ninguém jamais desconfiaria de nossas ações.

— Que bom!

CAPÍTULO XVIII



“... depois ir ao Corcovado pedir desculpas ao Cristo Redentor pela Igreja que diz que zela pela VERDADE.”

EU FUI ESPIÃO DENTRO DA IGREJA POR CULPA DA IGREJA.

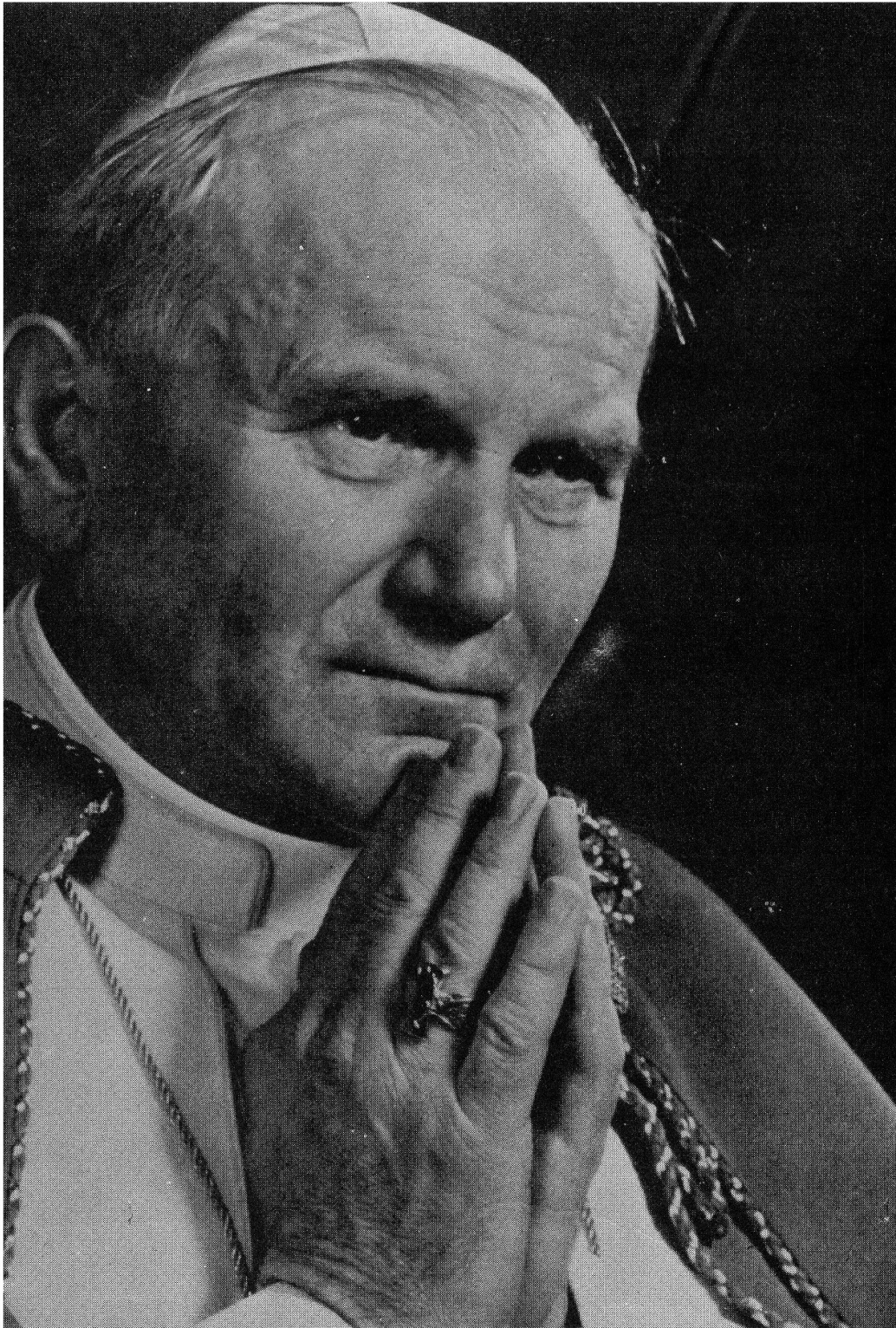
Não pude ir à ordenação do meu pupilo, já estava na Argentina com meus negócios e fora da P-2, em 1987. Ao mesmo tempo que se sente a satisfação de ver um plano ir em frente e chegar ao sucesso, dá também uma tristeza, porque esses novos elementos daqui a alguns anos vão passar as mesmas angústias por que passei. Chega um momento em que dá vontade de viver livre e a pessoa está amarrada, colada, seja a uma hierarquia da Organização, seja a uma hierarquia da Igreja. Aqui no meu sofá, lendo ou preparando-me para a macarronada daqui a pouco, eu me sinto bem, mas gostaria muito de nunca ter entrado e nem ter colocado ninguém nessa balbúrdia, nessa ilusão de aventura passageira que se torna definitiva, salvo para os malucos que, como eu, fugiram.

Peço desculpas porque, por segurança pessoal, não detalei certas passagens, mas o que eu quis mais foi mostrar as farinhas do mesmo saco: gente que fala de Deus e não vive, não zela, vende-se como outro qualquer e gente que, pelo menos sinceramente, coloca o materialismo claramente. Eu fui espião dentro da Igreja por culpa da Igreja, da estrutura que é tão podre quanto as que condenam. Explora a necessidade espiritual, o medo do futuro, daquilo que há de vir, escraviza as pessoas para não criticarem. Se me perguntarem: — Você estava certo? Digo que não, assim como a Igreja também não, a mesma luta pela posse de uma diretoria de Estatal se vê na Igreja. A mesma luta pelo lucro da General Motors se vê no Vaticano. As mesmas mortes entre máfias se vêem nos corredores da Roma Papal. Os mesmos adultérios dos nossos amigos se vêem também na escuridão dos quartos de muitas casas paroquiais e palácios diocesanos. Os mesmos juro bancários, as mesmas agiotagens espalham-se também pelas firmas cristãs. Jesus ainda está pendurado na cruz, porque os homens e principalmente a suprema hierarquia ainda repetem os mesmos pecados hoje, de outras formas, mas sempre recebendo as moedas sujas que Judas Iscariotes recebeu.

Volto ao meu vinho, a minha mulher e por isso não lhe cedo meu nome e endereço para uma visita. Quero desfrutar os

poucos anos que me restam, tomara que sejam muitos, mas vou viver bem, como se fossem poucos. Antes de finalizar, leia a bomba seguinte e saiba que Deus pode nos condenar mas condenará também todos aqueles que, pela displicência e falta de amor, permitiram que se chegasse a este ponto.

CAPÍTULO XIX



Buona notte, João Paulo II

FINAL

O plano IMP nasceu com outro nome na Itália, não veio pronto da forma como foi realizado. O ponto principal era a infiltração, o trabalho dentro da Igreja, como se conseguiu no Vaticano, onde proliferam informantes, agentes e espiões. Depois, no Banco do Vaticano, onde a P-2 chegou a dar as cartas graças ao suborno e à sede de poder de Marcinkus e outros, a Maçonaria P-2 foi ganhando terreno, mas queria algo mais seguro dentro da Igreja e para isso Roma não se prestaria, porque qualquer coisinha que lá acontece é manchete mundial. O ideal seria jogar todas as tentativas e experiências para as repúblicas, para longe, porque quanto mais se encontrasse a Igreja desorganizada melhor seria. Assim, se aportou na América do Sul, onde também não faltariam suborno e empresários para a sustentação do esquema.

A P-2 expandiu-se por outros países, mas os sustentáculos na América do Sul são a Argentina e o Brasil. As ditaduras e a Igreja tinham alas que facilitavam às vezes, até sem saber o trabalho da P-2. O que eu gostaria de deixar neste final é que essa experiência para a ordenação de padres da Organização vai levar gente a se enquadrar em alas ideológicas diferentes, em trabalhos diferentes, até em interceptação mais perfeita do que as que já fizemos, de dinheiro, "ajuda" que vem de fora... O que eu gostaria de deixar é que a ameaça mais séria não é nem o padre da P-2 chegar a reitorar seminário (onde abriria para seu pessoal e homossexuais como desmoralização da Igreja), não está aí o grande DRAMA. O grande drama é que essa experiência com carta branca na América: "TENTEM TUDO!" foi com a finalidade de que, SE DESSE CERTO, seria adaptado às condições européias e feitas lá também, por isso, EU, Francesco Scalzotto, como vocês me conhecem, GARANTO que no Brasil as ditas ordenações de padres P-2 começaram em 1987; na Argentina e outros países da América, em 1988, e na Itália, com TODA CERTEZA, em 1989.

Boa noite, João Paulo II, continue ordenando Irmãos de Congregação sem cultura e sem preparo. Continue permitindo filosofia e teologia em um ano. Continue ordenando homens casados, que piada! Têm ordenado velhos beirando os 70 anos, que se dispõem A NÃO MANTER MAIS RELAÇÕES SEXUAIS com a esposa idosa. Continue procurando vovôs viúvos para ordenar.

Continue dando corda de que é preciso o celibato, assim a Maçonaria P-2 encontra mais campo, ordena seus homens que usarão sexo sim, todos são viris e têm esquema do descanso semanal com a amante. Continue na exigência celibatária e os mais sinceros vão saindo por não quererem conviver com a consciência em dualidade. Continue, que os homossexuais manterão o celibato frontal e o resto será para o jovem que se chegar mais depressa.

Boa noite, João. Se na sua Polônia as vocações estão escassas, imagine por aqui, onde o sangue ferve em todas as veias e músculos do corpo.

Buona notte!!!

— I want to be alone!

Assim disse Greta Garbo, famosa atriz, no início dos anos 40 quando não agüentava mais os jornalistas e a curiosidade do povo. Daqui da minha loja, do meu cotidiano tranqüilo, do meu vinhozinho, digo a mesma coisa:

— I want to be alone! (Eu quero ficar sozinho)

ÍNDICE

<i>CAPÍTULO I</i>	
APRESENTAÇÃO	6
<i>CAPÍTULO II</i>	
EXPLICAÇÃO	10
<i>CAPÍTULO III</i>	
ATRAVESSANDO A FRONTEIRA	14
<i>CAPÍTULO IV</i>	
O QUE VOCÊ COMEU NO ALMOÇO?	18
<i>CAPÍTULO V</i>	
MILAGRE DE SÃO GENARO	23
<i>CAPÍTULO VI</i>	
INCLUÍ AGORA	27
<i>CAPÍTULO VII</i>	
A SECRETARIA	29
<i>CAPÍTULO VIII</i>	
QUE TAL TERMOS UM PADRE DA P-2?	33
<i>CAPÍTULO XIX</i>	
FUNCIONÁRIO DO VATICANO	39
<i>CAPÍTULO X</i>	
CARNAVAL, MULATA E CACHAÇA	43
<i>CAPÍTULO XI</i>	
CADÊ A BATINA, MONSENHOR?	49
<i>CAPÍTULO XII</i>	
REENCONTRO COM UM HERÓI	53
<i>CAPÍTULO XIII</i>	
VOCÊ TEM CARA DE PADRE!	58
<i>CAPÍTULO XIV</i>	
QUEM LHE DEU A SENHA?	63
<i>CAPÍTULO XV</i>	
UM VIVO FINGINDO-SE DE BOBO	69
<i>CAPÍTULO XVI</i>	
O IMPEGÁVEL	73
<i>CAPÍTULO XVII</i>	
O INCÊNDIO	80
<i>CAPÍTULO XVIII</i>	
EU FUI ESPÃO DENTRO DA IGREJA POR CULPA DA IGREJA	86
<i>CAPÍTULO XIX</i>	
FINAL	89

Neimar de Barros

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Neimar de Barros Nasceu em Corumbá - MS e foi muito conhecido como produtor de [televisão](#) da equipe de [Silvio Santos](#). Até o início da [década de 1970](#), criou e produziu vários programas de grande audiência, como [Cidade contra Cidade](#), [Boa Noite Cinderela](#), entre outros. Em 1971 foi convidado a participar de um encontro dentro da Igreja Católica, na época chamado de [cursílio](#). Como ateu, ele aceitou desafiar o convite dizendo que só acreditava no que podia ver. No terceiro e último dia, depois de ter incomodado o encontro, foi desafiado a ir pra capela e algo o fez ajoelhar-se, uma grande emoção o tomou e ali naquela hora aconteceu o início de sua conversão.

Quando voltou ao seu trabalho na TV, sentiu que como cristão não podia aceitar muitas coisas que aconteciam. Entrou em conflito com Silvio Santos e acabou se desligando do grupo. Foi quando se tornou famoso também como [escritor](#) de livros religiosos, onde podemos citar o [best-seller](#) Deus Negro, que vendeu mais de 4 milhões de exemplares. Em 1975 contraiu uma tuberculose e foi aconselhado a se tratar em Campos do Jordão, onde posteriormente resolveu residir por 11 anos. Lá fundou o Instituto M.E.A.C., missionários para envagelização e animação de comunidades, sendo o principal [pregador](#), e durante 14 anos desenvolveu um trabalho missinário dando cursos e palestras em mais de 4 mil cidades. Suas palestras lotavam ginásios de [esportes](#), auditórios, igrejas e teatros. Seu trabalho teve tanto destaque que esteve na capa da [Revista Família Cristã](#), a maior publicação católica do Brasil, editada pela [Editora Paulinas](#). Visitou o [Vaticano](#), publicou mais de 10 livros, sendo vários em [espanhol](#). Como leigo conseguiu quebrar vários paradigmas, sendo uma forte referência dentro da Igreja Católica. Depois disso, chegou uma fase ruim em sua vida, e como um ser humano normal teve várias decepções, sendo muitas dentro da própria Igreja Católica, indo contra os seus [dogmas](#), muitos que ele não aceitava e gostaria de mudar. Contudo, trabalhava e viajava muito e uma profunda crise entrou em sua vida, associando ao estresse do trabalho e sua separação no casamento, o que potencializou ainda mais o seu estado emocional e o despertar de uma doença neurológica descoberta 18 anos mais tarde, o [Mal de Alzheimer](#).

Em [1986](#), entretanto, Neimar concedeu uma entrevista bombástica à [revista Veja](#), revelando que sua conversão teria sido uma [farsa](#). Ele contou ter sido contratado por uma [loja maçônica](#) internacional, para se infiltrar na [Igreja Católica](#) e repassar informações sobre a conduta de religiosos. A maioria de seus admiradores não acreditou nessa história, e sabemos que a Revista Veja teve recordes de venda naquela semana, ultrapassando 900 mil exemplares. Depois disso, Neimar escreveu dois livros sem sucesso, o que pode explicar seus excessos e devaneios por causa do [Mal de Alzheimer](#). Contudo, Neimar em certo tempo confirmou nunca ter deixado de ser um ateu convicto e fez uso de má fé enganando a todos com sua *falsa fé*. Oculto por alguns anos ele depois reapareceu na equipe de Silvio Santos, trabalhando novamente como produtor. Neimar faleceu no dia 06/05/2012.

LANÇAMENTOS:

A VERDADE DE NEIMAR DE BARROS — Volume I

A VERDADE DE NEIMAR DE BARROS — Volume II

UM HOMEM E UMA MULHER — Neimar de Barros

NAS VOLTAS QUE A VIDA DÁ — Neimar de Barros

DEUS NEGRO — Volume I

DEUS NEGRO — Volume II

PEDIDOS PARA:

EXODUS

Cxa. postal 11641

05090 — Lapa — São Paulo — SP.

DAG GRÁFICA E EDITORIAL LTDA.

Imprimiu

Av. Nossa Senhora do Ó, 1.782

Tel.: 857-6044

EXODUS